

NESTE NÚMERO:

UMA GRANDE REPOR-  
TAGEM SOBRE A  
**FRANÇA**  
QUE RESSURGE!



A PRIMEIRA BAILARINA GEORGINA  
VILAS BOAS E O PRIMEIRO SOLISTA  
TOMAS DA COSTA NO FAMOSO BAL-  
LADO COM MÚSICA DE STRAVINSKY  
PASSADO DE FOGO. APRESENTADO  
COM EXTRA ORDINÁRIO SUCESSO  
S. CARLOS COREOGRAFIA EM IN-  
CLACAO COREOGRAFICA EM CORE-  
GRAFIA E SOB A DIRECCAO DE  
MARGARIDA DE ABREU

**VIDA  
MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANÁRIO CENÓTIPO DE ACTUALIDADES

ANO VI — N.º 269  
18 DE JULHO DE 1946  
NÚMERO EXTRAORDINÁRIO  
36 PÁGINAS 2\$50

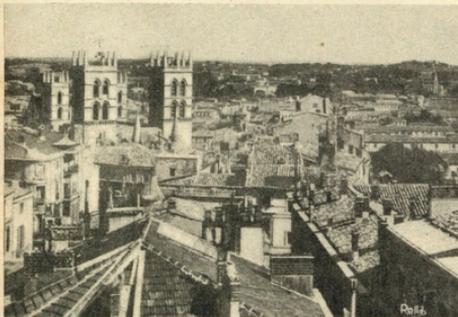


O prof. Joaquim de Carvalho



Os delegados das Universidades recebendo o título de doutor «honoris causa». No primeiro plano, o professor Joaquim de Carvalho.

## UM PROFESSOR PORTUGUÊS NA UNIVERSIDADE DE MONTPELLIER



O velho bairro dos estudantes, rodícia a majestosa catedral

**MONTPELLIER**, cidade da ciência e da razão, pérola dos grandes homens da França, comemorou agora o sétimo centenário da sua Faculdade de Letras. Fundada em 1242, no seio duma das mais velhas Universidades do mundo, manteve-se desde então, herço activo da cultura francesa por onde passaram Petrarca e Babelais, onde nasceram e estudaram, além doutros grandes homens, os vultos gigantescos de Auguste Comte e Paul Valéry. As festas do centenário investiram-se por isso dum carácter internacional. Sábios e poetas, historiadores, filósofos e artistas ingleses, russos, iugoslavos, egípcios, tchecos, polacos, suíços, espanhóis e o Professor da Universidade de Coimbra, Joaquim de Carvalho, receberam o grau de doutor «honoris causa», numa homenagem rendida pela França àqueles que nem nas horas mais sombrias deseperaram do seu destino e do seu génio.

### A VELHA UNIVERSIDADE

A honra concedida ao eminente Professor da Universidade de Coimbra, deve ser particularmente sensível a Portugal. É que a velha Universidade está ligada à nossa terra por laços de cultura e de tradição. Na sua Faculdade de Medicina, a mais antiga da França, ensinou Francisco Sanches, médico e filósofo, campeão do ceticismo, autor desse «Tractatus... de scientia quod nihil actura», que tanto alarde fez no seu tempo, porque era já um grido das liquetações que os tempos novos consolidaram. Al conquistou, em menos dum ano, o grau de doutor, ensinando cirurgia, antes de se fixar em Toulouse, onde atingiu a qualidade de Rector da sua Faculdade. Por Montpellier, passou também, o nosso Petrus Hispanus, mais tarde o Papa João XXI; os médicos Fernão Mendes e André Lourenço Ferreira e rasgando tudo com o claro da sua eloquência, aquele que a Igreja canonicizou: Santo António de Lisboa!

### INSTITUTO DE ESTUDOS PORTUGUESES

Num centro como Montpellier, onde a cultura, a arte e as tradições portu-

guesas eram closamente rnantidas por homens de superior talento como MM. Fliche e o actual Rector Sarrailh, illustre Hispanista, urgia que se criasse um Instituto dos Estudos Portugueses. Effectivamente, essa necessidade é preenchida no princípio do ano escolar de 1933-1934, quando o governo português sollicitou do conselho da Universidade autorização para fundar um leitorado.

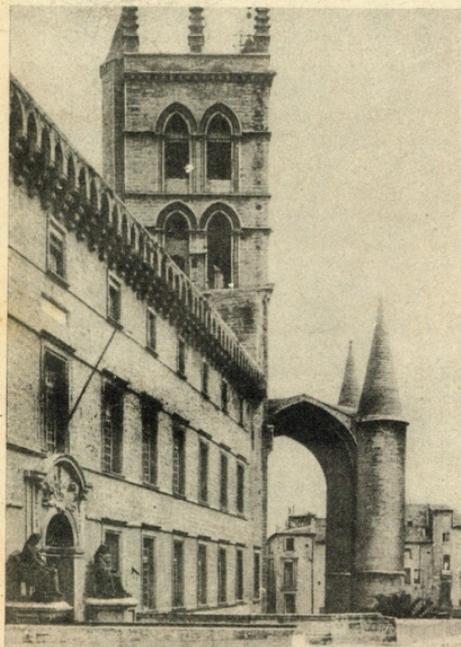
Os cursos de português começam a funcionar e a ser frequentados pelos alunos que fazem a licenciatura em Português, os futuros professores do nosso idioma nos liceus, já que o idioma português, foi mais tarde equiparado ao das outras linguas vivas que se ensinam nos liceus da França: o inglês, o espanhol, o italiano, etc. Actualmente é «Maitre de Conference de Portugual», o Prof. Aqurone, que tanto incremento tem dado ao ensino do nosso idioma e leitor, o licenciado pela Universidade de Coimbra, Dr. Mendes da Luz.

### A SOLENIDADE DO DOUTORAMENTO «HONORIS CAUSA»

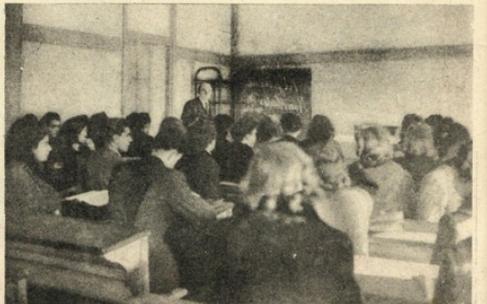
Foi neste ambiente, onde tantas evocações falam de Portugal, que o Professor Joaquim de Carvalho, em conjunto com outros grandes vultos do pensamento, recebeu o pergaminho que o sagrou com o mais alto grau que uma Universidade concede àqueles que se distinguiram pelo seu asber-doutor «honoris causa».

Depois do discurso de Doyen Bourciez, notável filólogo e grande amigo de Portugal, em nome dos novos doutores, o poeta Stephen Spender agradeceu à Universidade e saudou em termos comovidos a «ressurreição francesa».

Pablo Casals, o genial músico espanhol, traduzindo os seus sentimentos na sua linguagem favorita, no acto do recebimento do pergaminho que o nomeava Doutor, agradeceu, executando no violoncelo, em plena sala Notre da Faculdade, uma «suite» de Bach. Foi a primeira vez que um novo doutor deu assim um concerto à guisa de agradecimento. Pelos aplausos, a assistência demonstrou que comprehendia todo o alcance e todo o valor do seu affectuoso gesto.



A Faculdade de Medicina, vendo-se as estátuas que foram escondidas durante a occupação alemã



Aula de português — O professor Aqurone com os seus alunos

# JOÃO PEREIRA DA ROSA

## GRÃ-CRUZ DA ORDEM DE BENEMERENCIA

**P**ELO Chefe do Estado foi concedida a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência ao nosso illustre amigo sr. João Pereira da Rosa, Director de «O Século».

Trata-se duma justíssima distincção, se traduz o reconhecimento, por parte do Estado, do altíssimo valor da obra social que é a Colónia Balnear Infantil de «O Século» que João Pereira da Rosa fundou e dirige com excepcional e mercedoso carinho e é, sem dúvida, uma das maiores realizações até hoje feitas a cabo no nosso país em matéria de benemerência.

Concedendo ao illustre director de



«O Século», a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência, o sr. Presidente da República reconhece nessa obra que, embora de iniciativa particular, é, já hoje, de projecção nacional.

# DEIAS E IMAGENS

## POR ANTÓNIO RUAS

**H**Á momentos em que, em vez de sentir aversão por certas pessoas maldosas e injustas, sinto compaixão. Porque o que é o mau e injusto sendo um ignorante? E o que é o ignorante sendo um estúpido?

Do ponto de vista científico, é hoje doutrina assente que os maus sentimentos envenenam o sangue. A cólera, a ódio, a inveja, a irrestica, são tóxicos destruidores dos glóbulos vermelhos. A saúde física de um homem mau não pode, por isso, ser boa.

Do ponto de vista que mal transcede o científico, sabese hoje a influencia perniciosa, envenenadora, que as correntes dos rnaus pensamentos exercem sobre o espirito. A saúde espiritual dum homem injusto é precária. Assaltam-nos muitas vezes terrores, febrias, vive em conflito até consigo mesmo. Vi muitos suicidarem-se. Vi outros passarem fins de vida tormentosos. Vi alguns descerem das alturas a que se tinham gaudido com um haço estrondoso que parecia despear a tra dos ventos.

Do ponto de vista religioso, religioso não, supersticioso, de que eles andam muito afastados, esses homens são u condenados. Todos os creolos os sentenciam à justa punição dos homens e dos deuses. Têm que expiar na Terra e no Outro Mundo, qualquer que ele seja.

Quase me fazem d'os esses desgraçados, esses ignorantes, esses estúpidos, os injustos... Quando vem abaxo o edificio da sua maldade, da sua injustiça, procuram, como toda a gente que sofre, um refúgio. Mas, seja onde for, não encontram consolação. O Super Ego, que eles tinham narcotizado, levanta-se, e ao mesmo tempo apparecem-lhes as imagens das suas vítimas, a acudidos, a assediados, a escarnecidos num marinho constante.

Não muita gente que talvez se ria d'isto, por andar embriagado, mas nada há de mais terrivel que o tormento duma consciência que, desperta, se acusa implacavelmente.

\*\*\*

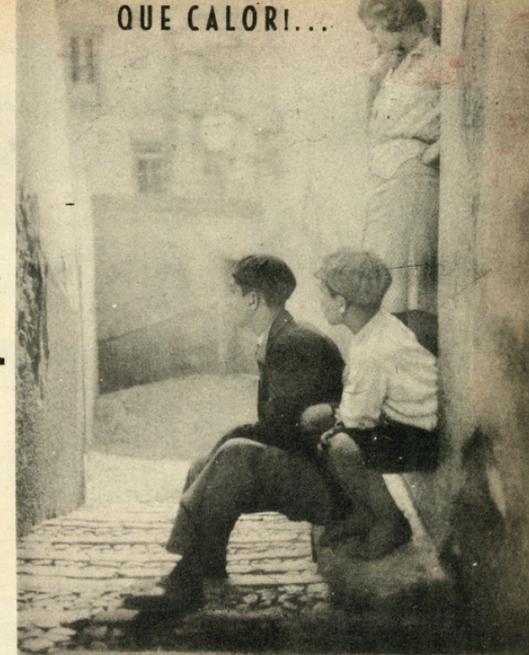
Há filósofos que proclamam que a moral é apenas uma questão de forma, de disciplina imposta pela necessidade que a tribu tem para se garantir contra a sanquiça, contra a doença, contra a dissolução do corpo social, e que certos vícios, como o peçoço de Onam, como o uranismo, além de não preju-

diarem a saúde são vícios apenas por que alguns sistemas convencionaram chamar-lhes vícios, sendo isto sómente maneiras individuais de acção, normais para certas pessoas.

Para mim, tudo isso não tem pé na cabeça. A moral está na raiz do espirito. Todo o homem que nasce trã-la consigo. Quanto mais primitivo, mais lhe custa exprimi-la. Começa por soletá-la, inventa práticas, fórmulas, ritos, afim de defini-la e acertá-la. Quer instaurar cultos orfíacos, quer use sacrificios humanos, é sempre o mesmo homem em busca dum ideal, duma moral. A moral, além duma necessidade física, é uma necessidade espiritual.

\*\*\*

Para mim, nada há de mais falso do que aquilo que me mostram os meus sentidos exteriores, vista, audição, olfacto, tato. Porque a vista está-me sempre a enganar, vendo belezas que se tornam em fealdades, dedicções que occultam fealdades, superioridades que são apenas espectaculars; a audição obriga-me a escutar palavras que enobrem os pensamentos, juramentos e promessas que são apenas formas de logro e dissimulação; o olfacto impressiona-me a pituitária com odores fragrantés que estão meramente a abafar chetros repelentes; e o tato põe-me em communicação com mãos quentes, por



Chegou o calor a Lisboa, encalmado, já vem para a rua, nas noites quentes, procurando refrescar-se um pouco... Mas nem todos vão para os esplendores. Como se vê na foto, nos bairros pobres o próprio degrau da porte serve para aguardar um pouco de fresco que, muitas vezes, teima em não chegar...

detrás das quais está um coração frio. Quase toda a gente não acredita nisso não naquilo que vê, que ouve, que cheira e que apalpa. E como esses sentidos mais nos ludibriam do que nos elucidam, daí andar quase todo o mundo alucinado.

E que a realidade está para além das aparências; a forma é muitas vezes uma exteriorização tñramente caprichosa, nos seus contornos lineares e na gama das suas cores. A realidade não está no que se vê, mas sim no que se não vê como os olhos do corpo, mas sim com um sexto sentido, a que os in-

glesses chamam insight, isto é, visão interior.

\*\*\*

O tipo do sábio deve consistir mais num homem que se procure descobrir a si próprio, e que na imagem do seu eu veja mais ou menos a imagem do mundo. Um homem concentrado, de meditação profunda, não ansioso. Mas que se não engolte demastado no seu eu, que o confronte com a realidade.

O erudito não é sábio, é um armazém de géneros por grosso.

## PRAIA DOS POBRES

**N**as noites de calor intenso, Lisboa pobrezinha, que vive nas ruas estreitas que o sol não detra de visitar, sai para a rua e faz da beira dos passeios a sua praia. Perto há sempre um chariz onde as crianças brincam e se refrescam. E nos degraus das portas há gente aguardando uma frescura que não chega, eles em mangas de camisa, elas descalças como nas pratas elegantes.

Conversam vizinhas de janela para janela, e o assunto é sempre o calor, que no ano passado não foi tão forte. Zaratagatam rapazes que, mesmo com calor e tudo, há de si que se zangam se os sapicam com água. E as noites parecem mais longas, e aquela boa gente que pega cedo no trabalho e cedo costuma deitar-se no leito humilde, deita-se tarde por via do calor — que ali, na rua, sempre é menor que entre as roupas da cama...

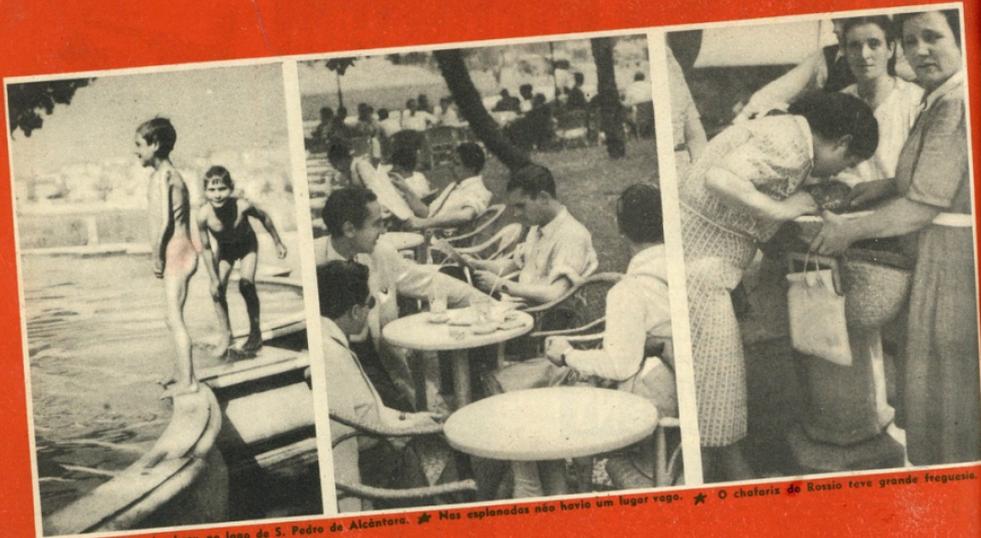
— Já não me lembro de um dia tão quente como o de hoje! — afirma uma velhota que todos os anos, por esta altura, costuma afirmar a mesma coisa.

— Eu estou a ver que nem me delto! — garante uma garota de olhos vivos, dezasseis annos em flor, flor da rua a que a humildade dá beleza e graça, e que aproveita aquele arraial no seu beco para mais à vontade falar ao namorado...

Noite alta ainda se conversa no bairro pobre que o calor atormenta. Depois, pela madrugada, começam a fechar-se as portas e o povo a retirar para dentro, que o dia seguinte é de trabalho...

Mas os últimos a abandonar a praia dos pobres, c passado do beco escuro onde o calor parou, são sempre a tal cachopa de olhos vivos e o namorado, que o calor, dentro deles, é sempre maior, tão forte e tão cruel que lhes queimou o coração...

ANIBEL NAZARE



Um aspecto dos banhos no lago de S. Pedro de Alcântara. \* Mas explodidos não havia um lugar vago. \* O chafariz de Rossio teve grande freguesia.

## AI, QUE CALOR!

**L**ISBOA, cidade caprichosa que ainda há pouco se queixava de que nunca mais chegava o Verão, irrita-se agora, sufocada e ofendida, sob um calor excepcional e implacável. E o alfaiinha, impaciente e neurasténico, logo entra a protestar contra o calor e a pretensão de vencer por todos os meios ao seu alcance.

Os negociantes de refrescos fizeram grande negócio e o gelo esgotou-se; as praias dos arredores encheram-se; e até nos telhados andou gente, que não se dá fugir ao calor—cada um procura subir o mais alto que lhe for possível.

As famílias não tinham um lugar; os bancos dos jardins e miradouros estavam repletos; e, enquanto algumas crianças, menos exigentes, matam o aborrecimento, as que não podiam vencer o calor, nos chafarizes públicos, outras, mais atrevidas, despiam-se e atiravam-se ao lago de S. Pedro de Alcântara, armado de repente, em benefício infantil!

Até à noite o ar era quente, abafado, irritante mesmo!

Amigo alfaiinha passava um mau bocudo, e andou por aí, de colarinho aberto e mangas arregaçadas, a falar saudosamente do frio e da chuva...

Mas é garantido que, quando o frio e a chuva vierem, começa a ter saudades do calor...

É o costume...



Estes miados dividiram entre si o calor—e uma laranja!



Os pobres refrescam-se no chafariz da sua rua...



Procurando o fresco num banco de jardim e a sombra amiga duma árvore.



Realizou-se, há dias, o casamento do nosso amigo e colaborador sr. Luis Forjaz Trigueiros, que, actualmente, dirige o «Diário Popular», com M.<sup>lle</sup> Maria Helena Albuquerque do Amaral, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Clementina Albuquerque do Amaral e do sr. major Mendes do Amaral.

## ACTUALIDADES



Realizou-se, na Figueira da Foz, a primeira manifestação automobilística organizada pelo jornal «O Volante». Na foto vêem-se, além do director daquele jornal, alguns dos automobilistas concorrentes.



O sr. Dr. Joaquim Manso discursando na sessão de homenagem ao poeta e escritor Dr. João de Barros, pelo êxito da sua viagem ao Brasil.



Na cerimonia de condecoração de oficiais portugueses pelo sr. Embaixador de Inglaterra. Depois do entrega da condecoração ao tenente-coronel Humberto Delgado.



Os amadores do Clube Atlético de Campo de Ourique que, há dias, interpretaram uma revista para eles propositadamente escrito por Stello Gil e pela compositora D. Helena Moreira Viano.

\*\*\*\*\*

## CONCURSO NA EMISSORA NACIONAL



Realizaram-se há dias, na Emissora Nacional, os concursos de artistas de Rádio. Nas fotos vêem-se: 1) Os concorrentes ao prémio de «Cançonetistas», que foi ganho por Luiza Maria. 2) Os concorrentes ao prémio de cantores, que não foi concedido, tendo ganho menções honrosas Maria Hortense e Rosário Meireles.



O PETRÓLEO PIVER, recomendado pelas sumidades médicas para destruição radical da caspa, pela sua composição química, age entregicamente nas raízes do cabelo, fortalecendo assim as glândulas das quais depende o seu crescimento. Logo, poderoso agente para evitar uma calvície precoce.

Use-o já. Lembre-se de que é melhor prevenir que remediar!

## L.T. PIVER

### A SUA OBRIGAÇÃO DIÁRIA

É cuidar dos seus intestinos. Tome LAXOBAC ao deitar e, logo pela manhã, os seus intestinos trabalharão com regularidade pasmosa.

«Laxobac» tem o gosto do mais saboroso chocolate, que tanto agrada a adultos e a crianças.

### LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 550 e 12500 cada caixinha. Lembre-se do nome.

*Defenda a pele do seu filho...*

com

PÓ DE TALCO

# bébé

*Me Campos*

*prefira*  
**SHEAFFER'S**

*a caneta de tinta  
 permanente  
 de fama  
 mundial*



*use*

**Skrip**

**O SUCESSOR DA TINTA**

**DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL**  
**AZEVEDO & DUARTE, L<sup>DA</sup>**  
 RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º — LISBOA — TELEF. 2 6297



**ANTÓNIO SAÚDE**

**A**NTÓNIO Saúde encontrou, na Natureza, o encanto dum lirico que, de alma reforescendo em rimas, procura escrever poemas, pintando.

Discipulo dilecto de mestre Carlos Reis, António Saúde cedo se revelou pela frescura e espontaneidade dos seus quadros onde já se adivinha o esperançoso artista que, mais tarde, havia de impor o seu nome — e a sua arte. Em França, por onde esteve, conviveu com os pintores mais ilustres da sua geração. Al' fazendo uma vida intensa de «atelier», trabalhando, aprofundando os seus conhecimentos, António Saúde realizou, depois, algumas exposições e figurou em muitos certames onde a sua arte safu, sempre, prestigiada. Dessa longa estadia por Paris ficou-lhe a adocicada ternura pela paisagem romântica, muito do agrado dos parisienses — e aquelas claridades de tinta, suaves no bucolismo, que, o afirmaram, aquando das exposições em Portugal, um Inconfundível paisagista.

António Saúde ao labor da sua arte — aliou, também, o amor pelo ensino.

# O PINTOR ANTONIO SAÚDE E A PAISAGEM

E durante uma vida inteira, n' escola, ensinou gerações de rapasos alguns dos quaes hoje se orgulham do nome do mestre e a ele devem tudo quanto sabem no caminho da Arte.

Neste último Salão da Primavera, nas Belas Artes, António Saúde esteve presente, com três quadros que bem, atestaram o seu, aliás já reconhecido valor.

António Saúde é, acima de tudo, o artista enamorado da Natureza que sabe senti-la e pintá-la em quadros inesquecíveis, que estão, por aí, em tantas salas de museus de Portugal.

A arte de António Saúde não tem, nem nunca teve, essa adjectividade de arrojo com que é costume apresentarse o artista que de seu — só tem o que é dos outros. Nunca serviu escolas, nem perflhou ideais, servidas e cozinhadas, à base de compêndios. Probo, honesto, consciencioso, o seu culto ia para toda a Natureza — e para as emoções que melhor o fizessem vibrar.

Se por algum devia, em arte, sentir grattidão, o seu mestre, Carlos Reis, merecia-a.

E por ele dedicou um afecto e uma generosa grattidão, que enraizada logo na adolescência, hoje se mantém cada vez mais viva.

E só isso chega para se manter, na fiteira dos mais queridos discipulos de Carlos Reis — honrando a memória do mestre, com o ardor e o entusiasmo dum jovem que pinta há meio século.



«A AZENHA DO FULÃO», NA MARGEM DO RIO ESTE



«AZENHA DA POYGAÇÃO», NAS MARGENS DO RIO AVE



## UM ELEMENTO DA O. S. N. ENTREVISTOU KLETZKI

**F**UI entrevistado o eminente maestro Paul Kletzki. Há duas semanas que tocava sob a sua magnífica regência.

Paul Kletzki nasceu em Lodz, na Polónia. Tem 46 anos de idade. Foi, como ele próprio afirma, instrumentista. Conhece muito bem a arte de ser, simplesmente, um elemento sem personalidades.

Aluno distinto da Universidade de Varsóvia e do Conservatório da mesma cidade, obteve o 1.º Prémio de Composição num Concurso da «Philharmonie».

Em 1923 publicou um «Quarteto de Cordas» e ultimamente outras obras de carácter sinfónico.

Formou uma «Orquestra de Câmara» em Milão; dirigiu a «Orquestra de Lenínigrado» e a «Grande Orquestra Sinfónica de Cracóvia».

Terminada a Guerra, saindo da Suíça, onde se refugiou, iniciou uma série de Concertos que provocaram o maior entusiasmo em Paris, Oslo, Bruxelas, Estocolmo, Milão...

Alternou várias vezes com Toscanini e, no último Concerto realizado em Itália, teve como solista Yehudi Menuhin. Paul Kletzki fala seis línguas. A sua fisionomia de homem que pressa a disciplina interior, enérgica e extremamente expressiva, é simpática, afável.

Possui uma paciência evangélica — que é a base da sua maneira de ensinar: lenta, progressiva, segura. Com a maior delicadeza controla as mais belas Cate-

drais Sinfónicas de Beethoven, Brahma, Tchaikowsky...

— No intervalo do último ensaio, com o à vontade dum colega amigo, fui ao seu camarim e declarando-lhe que o ia entrevistar, fiz-lhe cinco perguntas, às quais me respondeu, por escrito, em italiano, no dia seguinte:

— «Encontra algumas qualidades na nossa Orquestra?»

— «A vossa Orquestra tem muitas qualidades que se esquecerão cada vez mais com o trabalho sério, fequendo e sistemático.»

— «Que impressão teve do Público português?»

— «Muito simpático, compreensível e caloroso...»

— «Gostou de Lisboa?»

— «É uma cidade linda!»

— De facto, Toscanini é um caso único do Século?»

— «É, sim Senhor.»

— Para onde vai?»

— «Vou para minha casa, na Suíça. Vou descansar. Depois, em Agosto, tóbo os Festivais Internacionais de Lucerna... Depois... Concertos em Paris, Londres, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Noruega...»

Adeus, caro Maestro! Eu, os meus Colegas, e o Público numeroso que o aplaudiu em quatro notáveis Concertos no S. Carlos, desejamos que a Arte o torne cada vez mais amado pelos homens, nesta época em que as Almas se afastam tanto de Deus e da Verdadeira Beleza!

RAMIRO DA FONSECA



## UM MONUMENTO, À GLÓRIA DAS F. F. J.

Na porta de Orleans, em Paris, vai ser erigido um monumento à glória das F.F.J., que entrarão na capital francesa em 1944.

(Serviço I.N.P., especial para «Vida Mundial Ilustrada»)



Porque

É uma pasta de grande poder antisséptico que fortalece as gengivas, limpa os dentes e evita o mau hálito. É, ao mesmo tempo, um produto de beleza, que deixa as gengivas vermelhas, dando maior esplendor à boca, completando assim, e «maquillages»

DENTÍFRICO **CARMIM** CREME  
**TOPERO**



FABRICADO COM PRODUTOS PURÍSSIMOS  
COMPLEMENTO IMPRESCINDÍVEL DA "MAQUILLAGE"  
HIGIENE ABSOLUTA DA BÓCA

As MELHORES bicicletas são INGLESA

**RALEIGH**  
**RUDGE**  
**HUMBER**

Por opinião pública, as melhores bicicletas inglesas ostentam estes três nomes e por isso são famosas pela sua qualidade em todo o Mundo

As bicicletas inglesas apetrechadas com Sturmey-Archer e com engrenagem para três mudanças têm a primazia em todo o Mundo



RALEIGH INDUSTRIES, LTD.  
NOTTINGHAM, ENGLAND

**A MUNDIAL**  
**SEGUROS**



# O NOVO CHEFE DO GOVERNO DA FRANÇA

## GEORGES BIDAULT

UM ARTIGO INÉDITO DE

EDOUARD HELSEY

dos, dos sobretudo no fio. Renunciou a esta despreocupação. Hoje, dá-nos, de preferência, aspecto de quem gosta de se vestir elegantemente.

O cabelo preto e cuidadosamente alisado, o rosto cheto, feições regulares, chama especialmente a atenção pela expressão séria, muito tranquila dos olhos que reflectem bondade.

DE PROFESSOR DE HISTÓRIA A VENDEADOR DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

Como tantos homens que, há sessenta anos, brilham na primeira fila da política francesa, Jean Jaurés, Edouard Herriot, Léon Blum, Georges Bidault foi aluno da Escola Normal Superior, que deu com a primeira classificação para o ensino da História.

Professor em Valenciennes, em Reims, em Paris, no conhecido liceu Louis-le-Grand, não tardou a militar nas formações da Juventude católica e, pouco depois de se estrear no jornalismo, afirmou, pela clareza das ideias e elegância do estilo, uma autoridade precoce.

Combatente voluntário da primeira guerra mundial, prisioneiro em 1940, foi, num campo de concentração em Hanover, destacado para a venda de gêneros alimentícios. Quando os veteranos de 1914-18 acabaram por ser restituídos à liberdade, logo se alistou nas fileiras da Resistência.

A sua actividade clandestina começou em Lião. Continuou em Paris. O seu sangue frio, a circunspecção, a extrema reserva dos hábitos, permitiram-lhe, apesar da intensidade da sua participação nas empresas mais arrojadas e o encadeamento das perigosas tarefas que assumia, escapar a malhas apertadas da Gestapo. No entanto, nunca tentou em servir-se de documentos de identidade falsos. Circulava sempre sem armas, com quietamente risonho. Mas era forçado a mudar constantemente de domicílio. Em dada altura, acolheu-se à hospitalidade de duas solteiras protestantes, que fizeram passar este católico praticante por um Pastor.

Nas esferas da Resistência era

(Continua na pág. 35)

UM EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

GEORGE BIDAULT

SOLAVANCOS como os que, há sete anos, abalam o mundo civilizado, não podiam deixar de fazer surgir, em plena luz, homens absolutamente novos.

Na Europa, só os especialistas que acompanhavam de muito perto os negócios internos franceses, conheciam, antes da guerra, o nome de Georges Bidault.

Redigia o artigo de fundo do jornal *L'Aube*, de que a tiragem se limitava a algumas dezenas de milhares. O Partido Democrático Popular, a quem este diário servia de órgão, mal tinha, na Câmara, uns quinze deputados. Mas os observadores astuciosos bem sabiam já que, sob estas aparências ainda asagadas, germinava uma farta colheita.

Hoje, o M.R.P. (Movimento Republicano Popular), levou à Assembleia Constituinte o grupo mais nutrido. Ministro dos Negócios Estrangeiros desde a Libertação, havendo, depois, constantemente dirigido o jogo da França em todos os grandes encontros internacionais, Georges Bidault tornou-se Chefe do Governo Provisório da Republica. E, sem qualquer foro, no futuro imediato, as oscilações incertas do mecanismo parlamentar, está-lhe assegurado, por longo período, lugar de primeira fila na cena política. Está, definitivamente, entre as figuras dominantes da política mundial. É, dado que poucos anos conta além dos quarenta, tudo leva a crer que muito dará que falar. O seu papel ainda acaba começa.

UM METRO 65... COMO NAPOLEÃO

Quem é? Quais os traços distintivos deste protagonista ontem ainda desconhecido?

Pouco apreciador de publicidade barulhenta, evitando cuidadosamente

A Assembleia que vai elaborar a nova constituição de França

as atitudes de cinema, não se preocupando com dar curso heneles lendas simplistas que tão facilmente criam popularidades fúteis, continua, até agora, pouco conhecido, mesmo no seu próprio país.

Não foi possível ainda associar-lhe à imagem um dos atributos rituais que tanto facilitam a tarefa dos caricaturistas, como o barretinho de Clemenceau, o charuto de Churchill ou a madeixa de Hitler. Não acusa qualquer pomposidade patuço dos que tão depressa se inserem na imaginação do povo. Grande seria a difi-

culdade de um actor que tentasse «obscure» em dotes traços o seu personagem numa revista de fim de ano.

Não deixa de ter, por isso, personalidade muitíssimo original e que bem merecia estudar-se, mesmo que as circunstâncias o não tivessem posto em foco.

Fisicamente, é um homem de estatura ligeiramente inferior à média. Mede 1,55, exactamente como Napoleão. Diz-se que, na juventude, não se preocupava grandemente com o vestuário, e os amigos velhos lembram-se dos seus chapéus desbotados



# O DIA DA FRANÇA

**C**ERCELO. O governo da França e seu povo estão em um cerco moral, e o mesmo acontece de novo. Depois de ter sido libertado de Paris, o povo francês voltou a ser cercado por uma situação moral que é mais grave do que a que ele sofreu em 1940. O cerco moral da França é o resultado de uma situação política que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável.

...verdadeiramente a alma, e parte sentir da alma de todos os franceses. O cerco moral da França é o resultado de uma situação política que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável.

# QUANDO CALEMÃES ESTAVAM EM PARIS

ARTIGO INÉDITO CLAUDE ROY

**N**ão há ninguém que não se lembre da época em que os alemães estavam em Paris. A cidade estava sob ocupação, e a vida era diferente. O povo francês estava cercado por uma situação política que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável.



QUANDO AS BOTAS DOS ALEMÃES ESTAVAM NAS RUAS DE PARIS

...de um povo que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável.

# FOI EM 1888 QUE A REPÚBLICA FRANCESA COMEÇOU A CELEBRAR OFICIALMENTE A FESTA NACIONAL DO 14 DE JULHO

**F**oi em 1888 que a República Francesa começou a celebrar oficialmente a festa nacional do 14 de Julho. A data é comemorada em todo o mundo, e é uma das datas mais importantes da história da França. O povo francês celebra a data com orgulho e patriotismo.

...de um povo que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável. O povo francês está cercado por uma situação política que se tornou insustentável.



UM ARTIGO INÉDITO DE ROBERT CHRISTOPHE EM EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"





Avião de turismo S.E.-2310

# O AEROPORTO DO BOURGET E A AVIAÇÃO CIVIL



Posto de goniométrico  
e Obras nas pistas

Uma vista exterior do aeroporto,  
que nos dá a noção da magnificên-  
cia dos seus «hon»-ares».



**M**UITO danificado durante a guerra, tanto pelos bombardeamentos como pelas destruições ocasionadas pelos alemães, o aeródromo do Bourget nunca deixou de servir. Depois da Libertação, e graças à utilização de uma pista provisória, o tráfego, a princípio muito reduzido, recuperou progressivamente um ritmo importante (em Março, 145 aviões contra 85 apenas em Janeiro).

Paralelamente a este tráfego, empreenderam-se obras de reparação e de ampliação, tanto para o que respecta os «hangares» e o aeroporto como a construção de novas pistas.

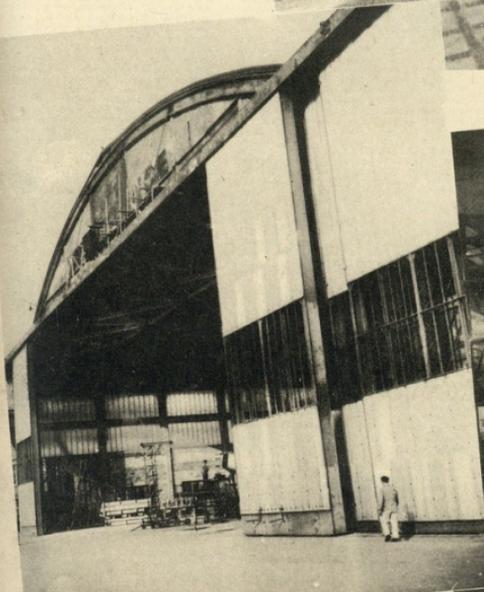
Na maior parte já concluídas, estas obras exigiram esforço considerável. Os «hangares», cujas bases haviam sido dinamitadas, foram novamente postos de pé, com a ajuda de macacos. O aeroporto também foi objecto de remodelação completa. Quanto às pistas, só uma está actualmente em serviço: abrange um comprimento de 1.600 metros, por 60 de largura. A construção, já muito adiantada, de nova pista na direcção norte-sul, seguiu-se, em breve, o prolongamento da pista em serviço, na direcção leste-oeste de cerca de 400 metros. Está mesmo previsto o desdobramento destas duas pistas.

Pelo seu lado, as fábricas de aeronáutica prepararam o futuro e produzem vários modelos de aviões de turismo que os particulares poderão, em prazo relativamente curto, comprar em condições vantajosas.

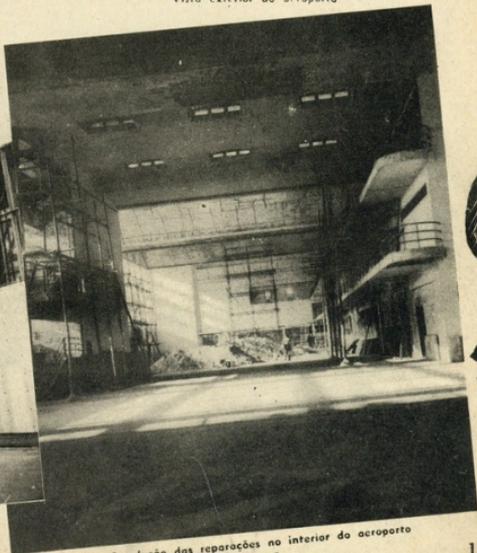
**ESPECIAL PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"**



Vista exterior do aeroporto



Os «hangares» com as novas portas



Conclusão das reparações no interior do aeroporto



AS REVISTAS SÃO CARREGADAS EM CAMIÕES, PARA TODAS AS PARTES DA FRANÇA

publicam. Recém-vindas lhes tomaram o lugar, em número excessivamente elevado, pretendem algumas pessoas. Sem querer fazer um reconhecimento completo que ultrapassaria o âmbito de um modesto artigo, passaremos em revista — objectivamente — as mais importantes.

Dois tempos antigos — sim, muito antigos — sobrevive a *Revue de Paris*, que tem a vantagem de não esconder a idade: cinquenta e três anos. Mais parcela uma crónica ao lado da sua rival mais que centenária, a *Revue des Deux Mondes*. A casa amarelo canário sobreviveu a casa cor-de-salmão. A *Revue de Paris* não mudou: continua liberal nas suas tendências, eclectica nas suas escolhas, toda sorridente para as suas escolhas actuais. Os imortais do Quai Conti encontram-se ali com os frequentadores dos almosafes da Place Gallion: Georges Duhamel e François Mauriac acotovelam-se, no índice, com Léo Laguerre, Francis Carco; e os outros colaboradores, os que não pertencem a nenhuma das duas Academias, lá estarão representados dos mais da menes da; o caso lá se verificou com Maurice Garçon; chegou a professor André Arnaux; de *Revue de Paris*, Marcel Thébaud, é, por sua vez, um crítico distinto a quem devemos um livro bastante bom sobre as ideias de Léon Blum.

No princípio deste ano, tivemos o prazer de assistir ao reaparecimento do actual Conselho de direcção: Jean Richard Bloch, Aragon, René Arès, André Chamson, René Lalou, Louis Martin-Chauffier, sendo a chefia da redacção exercida por Jean Cassou, de que a coragem mental e a resistência física levaram a vencer as torturas da Gestapo. A *Europe* continua a ser o ponto de encontro de escritores das esquerdas, e mesmo da extrema esquerda. Fiel ao passado, restabelecer-se-ia ao seu título, desvendando suas crónicas da vida no estrangeiro. Será, então, a grande revista de cultura europeia e internacional que ainda nos falta.

Sem querer dar-se ao ridículo de merecer um palmarés, é lícito afirmar que a *Fontaine* se colocou à cabeça das novas revistas literárias. Casou com os seus magníficos exemplares correspondendo ao objectivo que anuncia em subtítulo: *Revue mensuelle de poésie e das letras*. Na realidade, a *Fontaine* nasceu algum tempo antes da guerra, na Argélia, da vontade de um moço poeta, Max-Pol Fouchet, mas, nesse tempo, uma revistinha, como havia tantas, apreciada e lida por reduzido grupo de amadores da poesia. Foi crescendo, quando Argel foi promovida a categoria de capital, e hoje ocupa lugar muito semelhante, *mutatis mutandis*, ao da *Nouvelle Revue Française*. Na altura em que a política tudo invade, Max-Pol Fouchet soube fechar-lhe as portas da sua revista, que tornou acedida para todas as escolas e tendências literárias. Uma revista deve-se julgar pelos seus colaboradores. Aqui estão alguns dos que a *Fontaine* conta: Claudel, Edgard, Heuvelink, Claude Mauriac, André Roubaud, Roger Caillols, Marcel Ariand, Roger Lannes (feto de memória). A *Fontaine* publica, por outro lado, in-

ditos (sempre importantes) dos grandes escritores: além na extraordinária cartas de Mémée a Stendhal que Henri Martineau recentemente apresentou.

Vejam, agora, uma revista que veio do Norte de Africa ao mesmo tempo que o Governo, a *Arche*, irmã mais nova da *Fontaine*, e sua rival. Fundada sob o patrocínio de André Gide, é dirigida por um triunvirato composto de Albert Camus, o único escritor-romancista, dramaturgo, jornalista, que se revelou nos últimos cinco anos, do crítico Maurice Blanchot e do jornalista Jacques Lassaigne. Foi na *Arche* que se publicou este documento raríssimo, um poema de Lemine, provavelmente o único que o grande revolucionário russo escreveu.

A revista de Jean-Paul Sartre, o chefe do existencialismo, instalou-se nas dependências que foram da N.R.F., na rua Sébastien-Lottin, o que de maneira nenhuma significa que tivesse a ambição de o designio de a continuar. Nota-se, apesar disso, a presença de Jean Paulhan no Conselho da redacção dos *Temps Modernes*, de que os outros membros são Raymond Aron, Simone de Beauvoir, Jean-Claude Gauthier, Merleau-Ponty e Albert Olivero. A revista não faz mistério das suas tendências, que são próprias. Sartre definiu o primeiro número, e que se preparava para melhor esclarecer em novo trabalho: *Matérialisme des Révolutionnaires*. Revista de ideias tanto e mais ampla, talvez, que revista literária, a *Temps Modernes* escolhe de braços abertos os estudos filosóficos e morais, como as inquéritos, depoimentos e documentos. Esta revista de intelectual um pouco severa, um tanto massuda dirige-se a um escol. E tem os seus a seu favor!

A *Nef* (*Nouvelle Ecriture Française*) nasceu logo depois da Libertação de Paris. Também se instalou em casa de um editor, mas, menos hermetico (os menos profunda) que a *Temps Modernes*, beneficia de grande difusão. É a revista clássica do homem sensato, que pretende ter luz sobre todas as coisas: a bomba atómica e o existencialismo, os últimos livros publicados, os espectáculos. A *Nef* corresponde perfeitamente a esta necessidade; mostra-se ecletica nos assuntos dos seus colaboradores, passando de Romain Rolland a Max Jacob e de André Chamson a Henri Troyat, accedendo perentórias e muito desenvolvida, e geralmente confiada a bons eclectistas. A *Nef* é a revista de leitura ideal.

Penso não ter feito nenhuma omissão grave — de que, antecipadamente, desculpo-me — fizeste este quadro das revistas literárias de hoje. Seria de cesário mencionarmos também publicações mais especializadas, como *Poésie*, de Pierre Seghers, que soube, durante a ocupação, manter os direitos de liberdade através os da poesia; como *Esprit*, de Emmanuel Mounier, e *Vie Intellectuelle*, mas estas duas, embora muito importantes, exprimindo uma e personalismo, e outra o pensamento católico, excedem o âmbito de crónica. A rápida vida de olhos que demora, por mais verificar, pelo menos, que como ontem, a França possui revistas que totalmente a exprimem e que honram a cultura francesa e a que é, mais do que nunca, dedicada.

# AS NOVAS REVISTAS FRANCESES

ARTIGO INÉDITO DE ROGER GIRON

MAS ainda que através da imprensa diária, demasiado sujeita ao actual e ao efémero, é através das revistas que se exprime a vida espiritual de um país. Quando se quiser fazer uma ideia, tão justa quanto possível, do movimento intelectual em França, nos anos que precederam a guerra, será preciso consultar as revistas que então partilhavam o favor do público. Pela sua longa existência, pela notoriedade dos seus colaboradores e pela sua influência, algumas destas revistas já marcaram lugar na História literária. Será necessário lembrar que se dedicaram obras consideráveis, por exemplo, ao papel desempenhado pela *Revue des Deux Mondes* no movimento romântico, ou pelo *Mercure de France* no movimento simbolista? As três iniciais da N. R. F. chegaram a ter no-

meada internacional. A História da literatura francesa no primeiro terço do século XX, não ficaria completa, se deixasse de consignar um capítulo à revista de André Gide, de Jacques Rivière e de Claudel. Enquanto a *Revue des Deux Mondes*, a *Revue de Paris*, o *Mercure de France* exprimiam geralmente posições conservadoras (pequenas na literatura), a *Nouvelle Revue Française* representativa, é lícito dizê-lo, o que as letras francesas tinham de mais original e de mais vivo. Devido à acção do seu director, Jean Paulhan, um dos esforços mais benéficos daquele tempo.

Qual é a situação das revistas literárias na França nova nascida da Libertação? Por razões que, a nosso ver, se torna desnecessário recordar, a maior parte das grandes revistas lá não se-

PROCEDENDO À «MONTAGEM DUMA REVISTA ILUSTRADA

UM EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



# DEFINIÇÃO DE PARIS

ARTIGO INÉDITO  
DE CLAUDE ROY

UM EXCLUSIVO PARA  
"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

A eterna legenda de Paris...

As cidades que afirmam um estilo da força ou da riqueza, um ambiente insigne do orgulho ou da dominação. Mas Paris, ontem, nas vésperas da guerra, bem sabemos o que afirmavam as suas árvores e as suas pedras, e qual a mensagem a que não cêtu, por cima dos telhados, os pombos e as nuvens faziam tão suavemente, tão insistentemente alusão. Paris encarnava um estilo de vida, um modo de viver, um modo de pensar. Não é difícil pretender confundir a uma determinada doçura ágil, de leveza e de frescura, e abusar um bocadinho da palavra *moderada* quando se trata essencialmente de certo olhar humano que nos seres, mente de que noutra parte qualquer, tomar as medidas aos seres, às ideias e aos valores. Paris é uma cidade onde os rostos têm olhos para os rostos. A primeira punição que os parisienses inventaram para os soldados da ocupação foi não olhar para eles, obrigá-los a olhar para os rostos dos outros. A primeira punição que os parisienses inventaram para os soldados da ocupação foi não olhar para eles, obrigá-los a olhar para os rostos dos outros. A primeira punição que os parisienses inventaram para os soldados da ocupação foi não olhar para eles, obrigá-los a olhar para os rostos dos outros. A primeira punição que os parisienses inventaram para os soldados da ocupação foi não olhar para eles, obrigá-los a olhar para os rostos dos outros.

Quando se tenta capturar numa objectiva única a cor chela de mobilidade e de sutileza do clima de Paris antes da tormenta, uma palavra surge, tão difícil de traduzir, de definir em todo o sentido que exprime: a palavra *gentillesse*. É uma certa maneira parisiense de ser amável de que é lícito propor um bom sinónimo: harmonia com a grandeza na pessoa de Carlos de Orléans, de La Fontaine, de Chardin e de Giraudoux, e que se encontrava na vida de todos os dias, com a tragédia e a malícia, a revolta e a amizade. Foi o povo de Paris que inventou, em 1936, essa forma de insurreição sorridente de que o malogro talvez condensasse a eficácia, mas de que a reivindicação continua profunda), a greve no som dos harmónios, as reivindicações sociais em nome da felicidade pessoal, e a agitação com o fim de seguir o acesso para tanta gente ao paraíso terrestre, que se chama: férias.

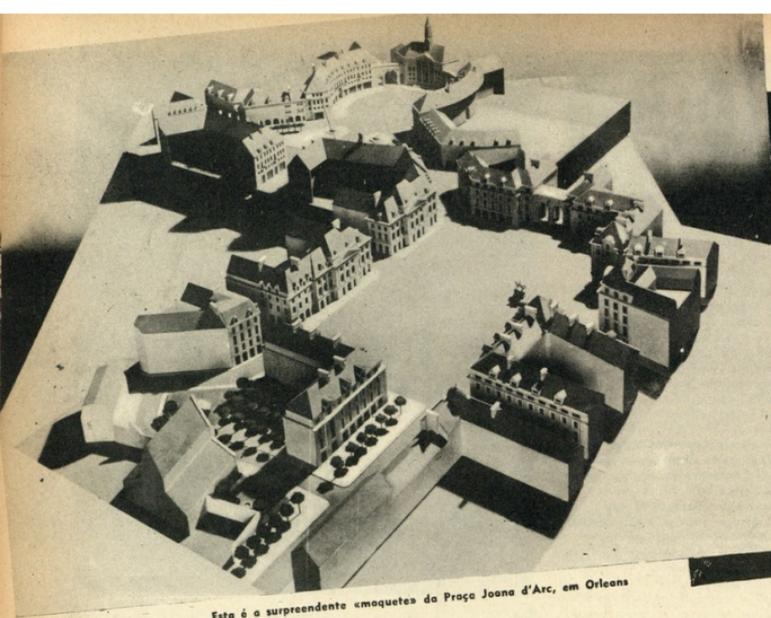
Paris sabe perfeitamente fazer das suas férias um uso agradável, e os seus domingos nunca deixam de ser bons domingos. Outras cidades, e os seus domingos nunca deixam de ser bons domingos. Outras cidades, e os seus domingos nunca deixam de ser bons domingos. Outras cidades, e os seus domingos nunca deixam de ser bons domingos. Outras cidades, e os seus domingos nunca deixam de ser bons domingos.

dos, nem as flores, mas todos os que neles passeiam. Aqui, a paisagem apenas é cenário, e a verdadeira paisagem, a multidão ondulante, descansada e alegre que dá a si mesma o espectáculo do seu bem-estar e a garantia da sua confiança. O Luxemburgo, as Tuileries, o Parc Montsouris e o Bosque de Boulogne, são jardins sem desertos e parques sem matas. A natureza não é mais do que um pretexto para o exercício da vida social. As ramarias e a herba contentam-se com sugerir outras verturas, as do campo autêntico de que Paris não tem mesmo tempo que uma cidade, é um campo com as suas pastagens, em Auteuil, os seus estábulos na rua dos Petits-Champs, as suas vinhas em Montmartre, os seus rebanhos de que os chocinhos tintam às vezes pelos *aboulevards*, e os seus provincianos em todas as esquinas. Nas praças de Paris, três colunas simbolizam três ordens de valores ora harmónios ora contraditórios. A Coluna Vendôme inscreve na sua trombeta de bronze o testemunho dos conquististas e dos combates, e ergue, acima das costureiras e dos perfumistas, a estátua do homem de guerra. O génio da Bastilha recorda aos transeuntes a sua trombeta de bruto, e o Obelisco, por fim, que ou na rebelião, de resto, em admirar, conta, nos seus misteriosos ninguém pensa, de crítica ou na luta. E o Obelisco, por fim, que odegramas, uma comprida história de sementearias e de culturas, de campos e de soalheiras, a mesma velha história camponesa que enlaca os capitais e nas aboboadas de Nossa Senhora de Paris as espigas do trigo aos cachos do vinho.

do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho. do trigo aos cachos do vinho.







Esta é o surpreendente «cassino» da Praça Joana d'Arc, em Orleans

# URBANISMO DA FRANÇA DE HOJE

**P**ARA falar da maneira como actualmente se encaram, em França, os problemas do urbanismo, será preciso começar por uma informação prévia.

A noção da oportunidade de uma política geral, aplicada ao desenvolvimento e ao rejuvenescimento das cidades, afirmou-se, logo depois da Libertação, perante as enormes tarefas que decorriam das devastações, e exprimiuse claramente no título que então recebeu o organismo encarregado de dirigir os esforços neste sentido; chamou-se-lhe *Ministério da Reconstrução e do Urbanismo*.

Por esta maneira se afirmava que todo o trabalho executado numa cidade ou num arredor devia ter em atenção as necessidades da aglomeração em conjunto e o interesse do país. Era mesmo acentuar que se entendia tirar proveito da situação excepcional, consequência do desastre, para executar

planos de conjunto, já prontos ou a elaborar, que, naqueles triste ocasião, teriam corrido o risco de ficar indefinidamente na situação de veleidades. Esses planos foram revistos, completados ou elaborados. Ora, aconteceu o seguinte: passado mais de um ano de experiência, a falta de maquinaria, de materiais e de mão de obra, e principalmente as dificuldades de tesouraria revelaram-se tão grandes que foi preciso pôr tudo de parte para ter apenas em conta a necessidade de alisar os sinistros, pelos meios mais económicos, mesmo em abarracamentos provisórios, e começando por reparar todos os antigos alojamentos danificados, fossem estes quais fossem e onde quer que se situassem. E embora a decisão não implique abandono dos planos de conjunto, constitui, de facto, o seu adiantamento *sine die*.

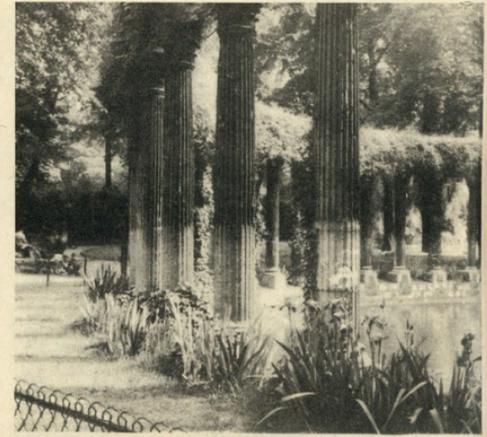
Deve-se reconhecer que, nestas condições, é um bocadinho difícil falar das

tendências gerais do urbanismo em França, quando é certo que o problema tira precisamente a sua actualidade da situação do post-guerra. E isto é tanto mais verdade, quanto é certo que os planos do Ministério da Reconstrução ainda não foram levados ao conhecimento do público.

Contudo, não há dúvidas que, apesar desta situação, os problemas do urbanismo estão a ser estudados na medida em que o podem ser, de maneira bem diferente da adoptada em 1918. Depois dessa data votaram-se leis importantes que determinam que todas as aglomerações com mais de 10.000 habitantes sejam objecto de um plano de melhoramento e de extensão, e aprovam o que se refere à registo parisiense. O prolongamento ou o traçado de algumas vias de grande circulação, a distribuição dos novos balneiros em zonas residenciais, zonas industriais, zonas comerciais, algumas reservas de espaços li-

vres: parques ou terrenos para desportos e, no que respeita aos projectos de maior envergadura, algumas classificações de pontos turísticos e de estradas, diversas servidões de altitude e algumas restrições às superfícies para construção civil — tudo isto de acordo com traçados muito mais maleáveis e muito mais libertos da linha recta que no tempo das grandes realizações de Napoleão III — eis as características da maior parte dos planos elaborados no período entre as duas guerras. E pouco provável que os que o Ministério da Reconstrução e do Urbanismo reserva actualmente nas suas gavetas tenham, na maior parte, fisionomia muito diferente.

Nada disto permite, sem dúvida, fazer uma ideia dos traços de um urbanismo especificamente francês, ou essencialmente novo. A bem dizer, o que nos apresenta de mais peculiar à França, é justamente, talvez, o facto de não apresentar coisa alguma de extraordinário — não porque os franceses de hoje pelo contrário, por razões absurdas, talvez sejam incapazes de inovar, mas



TRÊS RECANTOS MARAVILHOSOS, QUE NOS DÃO BEM A SUGESTÃO DO QUE É A FRANÇA

# ARTIGO INÉDITO DE LEA GAGLIARDI

mente independentes da sua vontade e do seu gênio.

A maneira desordenada como os arredores das grandes cidades se construíram e povoaram desde meados do século XIX, o extremo parcelamento e o preço elevado dos terrenos, tornam as grandes empresas de construção civil tão difíceis e tão onerosas que as próprias empresas hesitam antes de aconselhar projetos cuja execução desorganizaria profundamente o estado de coisas existentes.

Por outro lado, e isto no que respeita principalmente ao melhoramento dos bairros centrais, a civilização é tão antiga em França, que em toda a parte nos encontramos diante de edifícios, de conjuntos de edifícios, de praças, de avenidas, muitas vezes de bairros que, não são apenas espelmos perfeitos de bairros de arquitectura do passado, e que, sob este aspecto, merecem ser conservados, mas que são mesmo de comodidade tal que o seu valor prático faria da destruição uma coisa pura e simplesmente estúpida.

Estas duas particularidades, entre muitas outras, foram singularmente melindrosa a tarefa do urbanismo e orientam-se, quase fatalmente, para soluções não de conservantismo acanhado, mas, quando menos, de modificação e de modificação progressiva não destituída de moralidade.

Acrescentamos que a criação de pontos a pontos de aldeias novas em terreno baldio, é um problema que raras vezes se apresenta em França, e que só nos territórios do ultramar, nomeadamente em Marrocos, tiveram os franceses ensejo de o abordar. Resolveram-no frequentemente com rara felicidade.

Quererá isto dizer que as esferas que se interessam pelo urbanismo pecam em França, por falta de vitalidade, de pericia, de entusiasmo, até mesmo de convulsividade? De maneira nenhuma. Basta relançar os olhos por algumas revistas da especialidade para nos convencermos. No ano passado, as próprias sessões da Assembleia Consultiva foram teatro, a propósito dos créditos pedidos pelo Ministério da Reconstrução, de polémicas aceras entre os representantes das diversas tendências, para não dizer dos vários partidos, que têm opiniões divergentes a este respeito.

De maneira geral, as opiniões agrupam-se, por um lado, em volta dos homens cuja imaginação é atraída pelo futuro com tudo o que lhes parece comportar de possibilidades novas nas formas arquitecturais, a distribuição

dos agrupamentos humanos, o emprego dos materiais e das técnicas modernas de toda a espécie e, por outro lado, em redor dos homens cujas simpatias e sonhos continuam agraçados às belezas antigas.

Porta-vozes mais conectados dos primeiros continua a ser Le Courbier, de que os livros principalmente propagaram as visões audaciosas de «máquinas para habitar», verticais, de formas esquamáticas, casas-torres em vidro e em cimento armado assentes em estacárias e isoladas no meio de passeios públicos, e que preconiza uma remodelação total da distribuição das aglomerações, pelo estabelecimento de longas fileiras de centros industriais estendendo-se pela França toda, ao longo das grandes vias de comunicação.

Os segundos dão menos que falar, mas talvez sejam em menor número. Têm como auxiliares táticos tudo o que, nas esferas cultas e artísticas, não adoptou uma atitude ruidosamente revolucionária, ao mesmo tempo que os futuristas beneficiam do apoio mais ou menos confessado de grande número de engenheiros e de mecânicos. É justo reconhecer que nenhum amigo do passado desconhece a necessidade de fazer coisas novas nos casos também em que nada existe para as satisfazer. Apenas insistem em que os traços essenciais da estética urbana francesa, como se manifestaram no decorrer dos últimos séculos, continuam a afirmar-se nas novas realizações. Pretendem, por outro lado, que não se deixe abaixo coisa alguma, sem necessidade absoluta, e neste ponto diferem totalmente dos primeiros, alguns dos quais chegam a preconizar que a bem dizer todas as casas, em França, sejam demolidas e substituídas por outras.

Praticamente, as condições próprias a este país e que há pouco enunciámos, quer dizer, o grande património de prédios e de bairros que lhe deixou a sua antiga civilização, favorecem a segunda escola citada, porque a necessidade quase unanimemente reconhecida, é um embargo constante para os partidários de fórmulas subversivas. As destruições devidas à guerra, pouca coisa modificaram; porque, em geral, foram esporádicas e parciais.

Restam, no entanto — ali de nós — alguns casos de destruição quase total, como Brest, Havre, Caen, St. Nazaire. Nestes terão os inovadores, na hora própria, ensejo de mostrar quanto valiam. Julgamos poder garantir que, mesmo nestas circunstâncias, o ambiente francês ainda os subirá obrigando a proceder com conta, peso e medida.

# AS ENCADERNAÇÕES DE LUXO EM FRANÇA

ARTIGO INÉDITO DE ANDRÉ BEUCLER

A bibliofilia é um reino, e neste o livro francês continua a ocupar o cargo invejável e fulgurante do monarca. A bordo dos assuntos, o talento dos ilustradores, a ciência dos tipógrafos, o gosto dos editores, a qualidade dos autores, sem esquecer o discernimento dos leitores, escolhem e conservam todo o concurso a dar ao livro de arte francês, ao livro de luxo ou ao volume de colecção, um aspecto, um encanto especial, um valor e um oriente, se assim nos podemos exprimir, altamente e por toda a parte hoje reconhecidos. Não há maior alegria, por isso, que encontrar, num bibliófilo e, mais ainda, ser por ele autorizado a tocar nessas maravilhas, a folhear os seus livros, e a contemplá-los à vontade como as peças mais raras e mais eloquentes de um museu íntimo.

Muito recentemente ainda, senti essa alegria. Conheço a bem, porque os bibliófilos e os coleccionadores que, em Paris, a positem proporcionalmente em número, há muito tempo sentia pela primeira vez e com igual fervor, tanto é verdade, como diz um cronista, que existe uma espécie de culto do que não fundo do prazer: isto especial da vista ou da esconderijo para as ideias que apreciam o segredo.

Aqui estão, disse-me este amigo, os Stendhal do *Divon*, pardos e quase modestos, mas de uma perfeição de flores campestres e impecáveis quanto ao texto. Aqui tem o *Jardin de Bernice*, de Barré; é uma edição em tipografia pura, no formato in-4º escuro, impressa a negro e cor de rosa. Além, os *Calligrammes*, de Apollinaire, em papel da China, com litografias a negro de Tristan. Um bocadinho mais acima, o célebre *Tableau de la Bore*, de Christic Bernard, com desenhos de Segonzac. Ah, não que hei-de mostrar! Veja o que quiser. Olhe, aqui está o *Himbadu* de seu velho amigo de infância, Enrie, com desenhos de Rousseau, com *Leit Uno*, e Proust em grande formato, os *Confessions* de Rousseau, com desenhos de Mauriac, os *Vingt Sept Poèmes* de Baudelaire, com desenhos de Rodin. A direita, repare nos Gide, todos do mesmo número, que representam o *Éloge de la Folie*, com os desenhos de Chas Laborde, e estes volumes indierentes em que Vertés se celebrou.

Quanto a esta folhinha, notei aqui as aquisições que tentona fazer nos próximos dias, um magnífico volume contendo dezassete textos de autores diferentes, o professor Mondot, Fargue, Girardoux, além de dezassete gravuras de autores diversos: Laraguet, Luragué. Ideia que está isento de todos os aromas da guerra e apresenta-se como um delirio dos tempos risonhos e abundantes. Encontrei aqui em a maravilha. Ideia editado outrora por Vollard, decorado com os mais belos desenhos de Pierre Bonnard e que mandei encadernar recentemente. Trabalho exigiu dele trabalhado vários meses nela. Mais parece uma catedral! Não lhe deu o retrato de Gannet, nesse clima de eternidade que convém aos edifícios destinados a durarem todos os cabos. Isto explica que os monumentos que os conservo em redomas — o *Montaigne* de Baudelaire, o *Journal* de meu pai de ouro. Mas, no lado destas reliquias em que não penso sem tremer. Conto o volume da colecção da *Pléiade* de Victor Segonzac, o *Journal*, um original, um Verlainne completo, um Péguy completo, promete-me os Saint-Beuve, um Vigny, um Saint-Simon, e até uma Bíblia sem homages nem anglicanismo.

Depto de haver passado revista às obras e prestado homenagem a

EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



2) Grove, um desenhador humorístico de grande valor, espalha os seus trabalhos por «Canard Enchaîné», «Debouts», «Lettres Françaises», «Action», «Marseillais», «Franc-Tireurs» e «Carrefours».

3) Sora (Olof Sorokine), colabora em «Canard Enchaîné», «Franc Tireurs», «Action», «La Bataille», «Carrefour» e «Le Clou».

1) Ito, o desenhador mordaz e pessimista, colabora em «France D'Abord», «Action», «La Marseillaise», «Volontés», etc.



4) Sennep (Jean Pennes) é parisiense e colabora em «L'Echo de Paris», «L'Action Française», «Libertés», «Condées», «La Matin», etc.



5) H. Monier, que durante a guerra recusou cargos por ser um jornalista trabalhista, atualmente, em «Canard Enchaîné», «Franc Tireurs», «La Marseillaise», «Action», «Les Lettres Françaises», «Debouts», «Pans» (de Bruxelles), «Poiss» (de Louanne) e «L'Abellon» (jornal suíço).

# CARICATURISTAS FRANCESES DE HOJE

ARTIGO INÉDITO DE ANDRÉ BEUCLER

1) S que continuam, hoje, a série dos humoristas do passado, de que os nomes são, de tempos a tempos, evocados em exposições retrospectivas: Forain, Léandre, Abel Falvre, Caran d'Ache, Sem ou Métivet, Roubille ou Barrère, chamamos Sennep, Jean Effel, Henri Monier, Sora, Peynet, Maurice Henry, Duboué, Hervé Billard, Carizze, Chancel, Luc Vincent, Maurice Leblanc, devemos acrescentar Carizze.

A esta lista, necessariamente incompleta, devemos adicionar Carizze, Sennep e Jean Effel, que os jornais e revistas de uma maneira essencialmente morto durante a guerra, na flor da idade e em pleno talento. Era, então, a Libertação, o verdadeiro continuador de o ridiculo e a actualidade. O seu desenho e as suas legendas aparentavam-se não só com a franceza de ver as coisas e as pessoas, os defeitos de uma época, mas daide. O seu desenho e as suas legendas aparentavam-se não só com a franceza de ver as coisas e as pessoas, os defeitos de uma época, mas daide. O seu desenho e as suas legendas aparentavam-se não só com a franceza de ver as coisas e as pessoas, os defeitos de uma época, mas daide.

com as melhores tradições do humorismo francês, que sempre procurou artistas de grande nomeada que foram francezes, mas incluíva, mais intelectual. Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual. Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual. Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

que era, de facto, o espirito de Montaigne e Descartes que Mollière e Feydeau levam a casa. Porque os humoristas francezes são autênticos filósofos. Pelo menos, sob a levandade aparente, sob as audácias, e até na galantaria, é muitas vezes o bom senso de Voltaire que transparece. Há, no entanto, e principalmente depois da Libertação, qualquer coisa diferente no reino da caricatura e da sátira. Por exemplo; o desenho é menos aplicado, menos seguro, menos cuidado, às vezes, de que na obra de Carleige, Mirande, Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

que era, de facto, o espirito de Montaigne e Descartes que Mollière e Feydeau levam a casa. Porque os humoristas francezes são autênticos filósofos. Pelo menos, sob a levandade aparente, sob as audácias, e até na galantaria, é muitas vezes o bom senso de Voltaire que transparece. Há, no entanto, e principalmente principalmente depois da Libertação, qualquer coisa diferente no reino da caricatura e da sátira. Por exemplo; o desenho é menos aplicado, menos seguro, menos cuidado, às vezes, de que na obra de Carleige, Mirande, Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

que era, de facto, o espirito de Montaigne e Descartes que Mollière e Feydeau levam a casa. Porque os humoristas francezes são autênticos filósofos. Pelo menos, sob a levandade aparente, sob as audácias, e até na galantaria, é muitas vezes o bom senso de Voltaire que transparece. Há, no entanto, e principalmente principalmente depois da Libertação, qualquer coisa diferente no reino da caricatura e da sátira. Por exemplo; o desenho é menos aplicado, menos seguro, menos cuidado, às vezes, de que na obra de Carleige, Mirande, Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

que era, de facto, o espirito de Montaigne e Descartes que Mollière e Feydeau levam a casa. Porque os humoristas francezes são autênticos filósofos. Pelo menos, sob a levandade aparente, sob as audácias, e até na galantaria, é muitas vezes o bom senso de Voltaire que transparece. Há, no entanto, e principalmente principalmente depois da Libertação, qualquer coisa diferente no reino da caricatura e da sátira. Por exemplo; o desenho é menos aplicado, menos seguro, menos cuidado, às vezes, de que na obra de Carleige, Mirande, Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

que era, de facto, o espirito de Montaigne e Descartes que Mollière e Feydeau levam a casa. Porque os humoristas francezes são autênticos filósofos. Pelo menos, sob a levandade aparente, sob as audácias, e até na galantaria, é muitas vezes o bom senso de Voltaire que transparece. Há, no entanto, e principalmente principalmente depois da Libertação, qualquer coisa diferente no reino da caricatura e da sátira. Por exemplo; o desenho é menos aplicado, menos seguro, menos cuidado, às vezes, de que na obra de Carleige, Mirande, Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

que era, de facto, o espirito de Montaigne e Descartes que Mollière e Feydeau levam a casa. Porque os humoristas francezes são autênticos filósofos. Pelo menos, sob a levandade aparente, sob as audácias, e até na galantaria, é muitas vezes o bom senso de Voltaire que transparece. Há, no entanto, e principalmente principalmente depois da Libertação, qualquer coisa diferente no reino da caricatura e da sátira. Por exemplo; o desenho é menos aplicado, menos seguro, menos cuidado, às vezes, de que na obra de Carleige, Mirande, Albert Guillaume ou Bofa; a página é mais profunda, mas incluíva, mais intelectual.

EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

VIANA DO CASTELO  
 BRAGA  
 BRAGANÇA  
 GUIMARÃES  
 PORTO  
 VISEU  
 COIMBRA  
 COVILHA  
 AVEIRO  
 LISBOA  
 ESTREMÓZ  
 CALDAS DA RAINHA  
 EVORA  
 S. TIAGO DE CACEM  
 BEJA  
 ALJUSTREL  
 CERCAL  
 FARO  
 FAIAL  
 ANGRA  
 AÇORES  
 PONTA DELGADA  
 MADEIRA  
 FUNCHAL  
 S. VICENTE  
 CABO VERDE

SEDE  
 FILIAIS  
 DELEGAÇÕES  
 AGÊNCIAS  
 FÁBRICAS  
 OFICINAS  
 DEPÓSITOS DE ÓLEOS  
 DE FERRO  
 LABORATORIOS

**CONSIGNATÁRIOS**  
 800 NO CONTINENTE E ILHAS  
 ÁFRICA ORIENTAL E OCIDENTAL PORTUGUESA  
 EM ORGANIZAÇÃO

**H. VAULTIER & C<sup>IA</sup>**

CASA FUNDADA EM 1897

MOTORES DE EXPLOSÃO ♦ BOMBAS ♦ CORREIAS  
 PARA TRANSMISSÃO ♦ EMPANQUES PARA TODAS  
 AS APLICAÇÕES ♦ BORRACHA INDUSTRIAL ♦ AÇOS  
 ESPECIAIS ♦ ARTIGOS PARA PULVERISAÇÃO.  
 MATERIAL DE INCENDIO ♦ MATERIAL AGRICOLA  
 ♦ MATERIAL PARA MOAGENS E DESCASQUES DE  
 ARROZ ♦ LUBRIFICANTES EAGLOIL E ESSOLUBE.



# PARIS

**Q**UEM repercorrer de leitura os telegramas da política internacional nos últimos oito dias, deparar-se-á ao seu frágido da Conferência de Bilint—com que a Conferência de Paris entrou num tournant, numa curva que pareceu decisiva.

As cenas, por demais aborrecidas e despretigiosas a que o Mundo vem assistindo, suceder-se o dia de acabar. Diz-se-lhe que, como no trato dos negócios, o mais difícil foi conciliar os preços. A criação do grupo dos Três Grandes deve ter ao cabo esse fim: liquidar, fora das vistas de 21 Nações nos plenários da ONU, uma disputa de ambições e procurar a recolagem dos interesses dissidentes.

**LANÇOS E AJUSTES**

No dia 3 anulava-se que os membros da Conferência haviam chegado a acordo a respeito da internacionalização de Trieste e das Colônias Italianas. Mas à saída da reunião, os delegados doacorearam que Molotov se recusara a marcar a data para a Conferência da Paz das vint e uma nações antes de se chegar a acordo sobre a questão das reparações Italianas.

A primeira questão, a de Trieste, debatia-se e envolvia em descobrir um compromisso entre a proposta francesa e soviética sobre a fiscalização dos «Quatro Grandes» na zona autónoma de Trieste e o pedido anglo-americano para a mesma fiscalização.

A impressão geral e aparente em Pa-

ria era rotulada de «sobrio optimismo» e fixava-se no dito de Bevin de que «a solução podora realizar-se dentro de linhas definidas».

No dia seguinte, 4, era formalmente publicado que a Conferência da Paz se efectuará a 29 de Julho. Quanto às reparações Italianas, acordara-se como base de discussão num plano apresentado por Byrnes, segundo o qual propunha-se que a Rússia recebesse da Itália, como reparações, a importância de 25 milhões de libras. A parte dessa importância que não fosse coberta pelos fundos Italianos na Rússia, Romênia, Bulgária, Hungria e zona soviética da Alemanha, pelo valor de dois paquetes Italianos de 24.000 toneladas e pela parte atribuída à Rússia nas instalações de guerra Italianas, seria paga pela produção corrente Italiana. O plano que resolveu—diz-se—é a última dificuldade da Conferência de Paris, dá à Itália um período de três anos para sair da crise do após guerra, antes de comecarem os pagamentos de reparações saídas da produção corrente.

Molotov achou as propostas dos Estados Unidos aceitáveis no seu conjunto, mas disse que seria incorrecto se a fórmula para as reparações Italianas criasse dificuldades para a execução dos acordos das reparações com outros países, como a Finlândia e Romênia. Molotov expôs que não desejava que as reservas incluídas no plano americano na alínea a) sobre o pagamento saído da produção corrente

# POR FRANCISCO VELLOSO

servissem de desculpa para países como Romênia e Finlândia adirem as entregas à Rússia nos próximos três anos. Por isso, opunha-se à sugestão do relatório de três anos. Molotov disse pensar que o acordo sobre o fornecimento de matérias primas à Itália, sugerido no plano de Byrnes, poderia ser combinado entre os governos soviético e Italiano, ulgrando inconveniente incluir uma cláusula específica no tratado.

No final chegou-se a acordo. A Itália admite os estragos que causou aos aliados quando ella estava do lado da Alemanha, mas em virtude da beligerância Italiana, as reparações só deverão ser satisfeitas em parte. Em segundo lugar a Itália pagará à Rússia 100 milhões de dólares em reparações, dentro de 6 anos. Em terceiro lugar, as reparações serão tiradas de a) equipamento das fábricas de guerra; b) valores Italianos na Hungria, Romênia e Bulgária; c) produção corrente, cujas quantidades e tipos devem ser estabelecidos entre os Italianos de forma a não interferir com a reconstrução da Itália. Sobre o caso das reparações Italianas, Bevin concordou em que a União Soviética obtivesse o valor de 100 milhões de dólares de reparações, mas mostrou-se favorável a uma moratória de 3 anos, uma vez, que a Grã-Bretanha está prontamente a fornecer auxílio à Itália.

«O russo levava o que queria».

**A CENA DOS CONVITES**

No dia 5, os relatos da Conferência tornaram revelados os experimentos. Trajava-se dos Convites para a Conferência da Paz. O russo opunha-se a que a China os subvertia, a que os outros fossem enviados sem que previamente os quatros ministros estabelecessem regras de processo para os trabalhos da Conferência. O americano e o inglês objectavam que a exclusão da China vale por insulto e que só a Conferência é senhora de decidir das regras dos seus trabalhos. Molotov explicou, com obstinação costumada, a sua lâtica de desvios, insiste em que o caso reverta ao estudo dos representantes dos ministros e reclama a discussão do problema alemão. O telegrama que contém esta informação acrescentava, porém, este povenior curioso:

Os representantes dos ministros já tinham redigido sugestões para as regras de processo para a conferência. Disse que estas minutas seguem as linhas gerais das regras que regulam a conferência dos quatro grandes e estabelecem comités separadas para cada tratado de paz, compostas cada uma delas apenas pelos países em guerra com o país inimigo respectivo.

«O fim, Molotov não ganhava nem em principio a cartada da exclusão da China...»

No dia 6, progressos alguns houve também nos debates. Mas no dia 7 através dos relatos apareceram estas decisivas linhas que convém comparar com os pontos de vista atrás sublinhados:

«Soube-se autorizadamente ontem à noite que a proposta soviética para as regras de processo se baseiam em cinco comités separadas—uma para cada processo de tratado—compostas exclusivamente pelos Estados que directamente estiveram em guerra com a nação inimiga em questão. Crê-se também que os russos propõem maioria de delegados para que as comissões aproveem uma resolução ou façam recomendações».

No dia 8 a divisão persistia: Byrnes, Bevin e Bidaut insistiam no seu ponto de vista de que os convites fossem enviados das 21 potências independentemente das notas sobre a regra de processo, e que estas (já transmitindo com Molotov no seu envio) houvessem adomado o carácter de sugestões. O russo, no entanto, não ardeou pé. Byrnes passou a votos sobre o envio imediato dos convites e obteve a maioria necessária, já de noite, pelo a informação oficial:—Os ministros e os Estados Estrangeiros dos Quatro Grandes concordaram esta noite, com que os convites para a Conferência da Paz, dos 21

nações fossem enviadas amanhã em zira da Conferência de Paris. Segundo uma emenda francesa, evidentemente para tapar as fendas. Também concordaram em que a minuta das regras de processo fosse apresentada pelos subsecretários aos ministros. O acordo—acrescentava a informação—representa um compromisso entre o ponto de vista soviético e o das potências ocidentais.

E o russo (Molotov) deve ter altas tensões de um comerciante) o russo tornou a levar o que queria.

**CINCO OBSERVAÇÕES**

Hão-de pôr-se à margem destes debates—cujos bastidores, entre os quais, conjuntos aos objectivos de pressão da experiência de Bilint, já assada falado árnope de Byrnes e Molotov, devem estar fidentes de revelações—cinco observações oportunas como simples guia de raciocínios sobre estes assuntos que se cristalizaram, ao mudar com a irremissível e culposa responsabilidade dos Três Grandes, a situação política, económica e social do após-guerra.

1.ª primeira faz ressaltar o Jogo visível da Rússia no caso triestino com o das reparações Italianas. E de lembrar que, enquanto se prosseguiam os debates, a Rússia fechou um acordo comercial com a Itália com bons resultados para ambas as partes. As conclusões de Paris sobre as reparações Italianas são apenas o carimbo (já usar a expressão do próprio Molotov, por ele aplicada à questão das regras de processo da Conferência) de acordos conclusões satisfatórias do acordo económico russo-italiano, segundo o qual, para ambas as partes, a situação (ruêga), a Rússia passa a grande fornecedora de matérias primas à Itália.

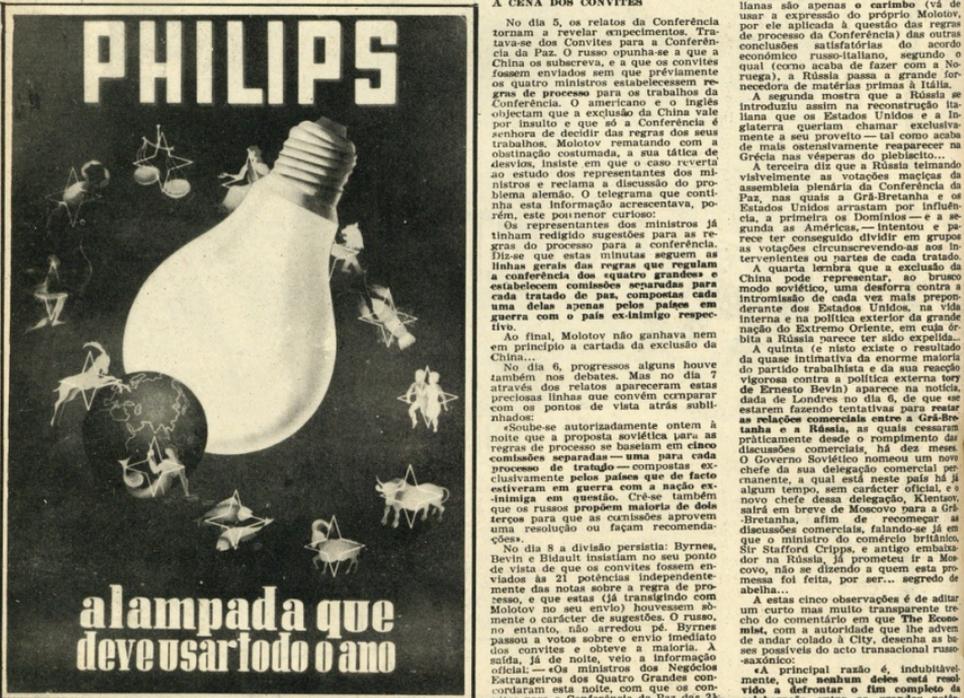
2.ª A segunda mostra que a Rússia se introduziu assim na reconstrução Italiana que os Estados Unidos e a Inglaterra, que assim chamam exclusivamente a seu proveito—tal e qual de males destrutivos por inflação, Grécia nas vésperas do plebiscito...

3.ª Terceira diz que a Rússia tentando violação com a política exterior da assembleia plenária da Conferência da Paz, nas quais a Grã-Bretanha e os Estados Unidos se opuseram por infância, a primeira os Dominios—e a segunda as Américas, e tentou e parece ter conseguido dividir em grupos as votações circunscrivendo-as nos Incontinentes e partes de cada tratado.

4.ª quarta lembra que a exclusão da China pode representar, ao brusco modo soviético, a tentativa de se intrometido de cada vez mais preponderante dos Estados Unidos, na Vida interna política exterior da conferência do Extremo Oriente, em cuja órbita a Rússia parece ter sido expulsa...

5.ª quinta e neste exatê resultado da quase intimitiva da enorme maioria do partido trabalhista da sua vitória vitoriosa contra a política externa torpe de Ernesto Bevin) aparece na noticiada da Lenta, a seguinte situação: «Estão fazendo tentativas para reatar as relações comerciais entre a Grã-Bretanha e a Rússia, se que cessarem praticamente desde o rompimento das discussões comerciais, há dez meses. O Governo Soviético nomeou o chefe da sua delegação comercial por algum tempo, sem carácter oficial, e o novo chefe dessa delegação, Kientov, iniciou em Moscovo para Grã-Bretanha, a fim de recompar a discussões comerciais, falando-se já em que o ministro do comércio britânico, Sir Stafford Cripps, e antigo embaixador na Rússia, já prometeu ir a Moscor no intuito de discutir a quem a promessa foi feita, por ser... segredo de abelha...»

A estes cinco observações é de aditar um curto mas muito transparente traço do comentário. O que o Estadomist, com a autoridade que lhe adven de andar colado à City, desenha as de seu ponto de vista, é o seguinte:—«A principal razão é, indubitavelmente, que os soviéticos não têm resolvido a defrontar o fim completo da colaboração entre as grandes potên-



alameda de Paris para a conferência da paz

No ato do posse, o Presidente da nova República italiana, De Nicola, acompanhado por Sorogot, o Presidente da Assembleia Constituinte.

Em Nova-York milhares e milhares de pessoas desfilaram em massa pelas ruas, em sinal de protesto contra a acção britânica no Polónia. Um dos manifestantes traz um bandeira inglesa com o cruz suástica sobreposto. Apesar desta manifestação ser francamente anti-inglesa, o espírito de tolerância no Grã-Bretanha é tal que esta fotografia veio publicado nos jornais ingleses!

Trieste tornou-se num ponto de discórdia mundial. Italianos e jugoslavos reivindicam para si a cidade. Os motins entre a população são frequentes e, por isso, as forças de ocupação anglo-americanas patrulham as ruas para evitar desordens. Vemos aqui um jeeps em serviço de vigilância.

Esta é uma das muitas fotos destinadas a apresentar Hirohito como um soberano democrático. Pelo menos o povo já não recia olhar de frente o «ex-Deus»... Só restou saber se Hirohito pode obter o povo japonês com o mesmo á-vontade...

cia ameaça que surgira dos franceses anteriores. O corolário disto é provavelmente o crescente convívio russo de que a sua política quanto ao Mediterrâneo, hostilizada pelos anglo-americanos, seria arriscada. Assim, os russos foram retirando progressivamente as suas pretensões ao mandato sobre a Líbia, as bases no Baicóscano, e quase exclusiva fiscalização da Jugoslávia no Adriático com a posse de Trieste. E provêtu que os russos oferecem idéntica atitude conciliatória anglo-americana quanto à Europa Oriental e o facto pode ainda perturbar a nova atmosfera de bom entendimento. Mas, pelo menos, as concessões russas permitiram concluir o tratado da Itália.

O papel da França, fiel à linha direccional da política externa da Resistência, estuda no primeiro governo de Gaulle, é de Bidault, tanto quanto se sabe do pouco já transpirado, temnação a não influir na Conferência num sentido europeu, e de tentar fornecer as soluções para os diferentes mais agudos. Não é sem justiça que o Times no dia 5 escrevia que o primeiro ministro francês «mediador entre as maneiras de ver diversas», é já uma das figuras proeminentes da Conferência a quem se deve reconhecer. De facto a Europa e o Mundo não podem ter paz sem a França.

**POB DETRÁS DAS CORTINAS**

As receber-se em Londres a notícia de que os ministros reunidos em Paris tinham convênio na internacionalização de Trieste, dilataram-se de desafogo os espíritos, porque, enfim, quebrara-se a longa série de más notícias internacionais que há semanas enervava todos os povos, refletos de tantas discussões de interesses. O Manchester Guardian chamava ao acordo uma solução «enormemente en-

corajadora», como sinal de que «as quatro potências (e melhor seria limitá-las às três grandes responsáveis) estão dispostas a levar a Conferência a bom termo».

Mas à custa de quê e de quem? A palavra compromisso repete-se nos comentários e comentários como tipo de preço das Conciliações trilaterais ou quadrilaterais, o que naturalmente revoca à memória o apodo dado a Byrnes, e já aqui lembrado, de prestidigitador desse jogo de transigências.

Para o Times o acordo sobre Trieste pode servir de modalidade a adoptar para os tratados com a Roménia, a Bulgária e a Hungria e sobretudo na questão danubiana. Sómente — ao contrário de uma questão de princípios. Trata-se, como já citado caso das reparações Italianas, de uma questão de interesses comerciais. A arte está em encontrar um compromisso pouco apertado em que as «Concorrências se acomodem». Ouçamos as claras expressões do jornal inglês: «A fórmula final pode muito bem vir a ser um compromisso que deixe indeterminado o principal assunto da futura participação das potências ocidentais no comércio do sueste da Europa. Mas este caso não pode ser resolvido por qualquer fórmula: depende em grande parte da natureza das políticas comerciais que as potências ocidentais e a Grã-Bretanha em particular decidam prosseguir nos seus países».

E acrescenta: «Mas aquilo de que precisam é sobretudo a garantia de firmes contratos a preços estáveis por um período de anos determinado para os seus principais produtos; e se tais facilidades não forem concedidas pelas potências comerciais da Grã-Bretanha ou das outras potências ocidentais será com relutância que se voltarão para este como único recurso que lhe resta». Que é preciso mais para todo se esclarecer?

**TRIESTE E A REPÚBLICA**

No caso de Trieste a fórmula da internacionalização é portanto, não a de uma distribuição étnica, mas de interesses económicos repartidos. É a vítima foi a Itália. Quando se conseguiu a repartição, a troca, a Conferência retomou a marcha. O Manchester Guardian di-lo sem disfarces nem ambages: «Naturalmente são os Italianos que têm maior razão de queixa. A Jugoslávia obtve bom satisfação, incluindo muitas cidades que são inquestionavelmente Italianas. A Itália nada obtve. Contudo os Italianos deviam reflectir que a paz no Adriático e as boas relações entre vizinhos valem bem a posse de Trieste».

Orá, se a Jugoslávia obtve boa satisfação, o ganho é russo. Molotov comprou e vendeu. O compromisso teve necessariamente um preço, e este (viu The Times) na Hungria, na Roménia, na Bulgária e sobretudo... na navegação do Danúbio! A Itália que se conforme. Que se agarre como puder.

Em Viena, o Chanceler austríaco, Leopoldo Figl, podia explicar numa conferência à imprensa: «Trieste é o porto natural para todo o centro da Europa — Checoslováquia, Hungria, Polónia e Austría — e por isso Trieste não deve pertencer a um só Estado».

E certo que — e incomparavelmente mais que a resistência da Jugoslávia — foi a Insurreicção Italiana que permitiu que o termo da guerra se apressasse. Em Roma, quando os aliados recordam as felonias de Mussolini, reutram-lhes recordando as de Stoyadinski e do Rogerie Paulo que deram portas abertas à invasão germânica dos Balcés e ao esmagamento da Grécia.

A República Italiana, como a III República Francesa, nasce vestida de jeeps, com uma súplica de Gibraltar, dir-se-ia em Madrid. Com uma Alcaidá-Lorena, disse De Gasperi em Roma. A imprensa Jugoslávia lastimou-se

Mas nas ruas e praças de Trieste as pugnas continuam. Nas cidades de Roma, Pádua, Florença, Regio, Calábria, Cuneo, Turim, Milão, Modena, e muitas outras, as multidões, com a juventude à frente, valiam soldados e oficiais aliados, raggam bandeiras inglesas e americanas. De Gasperi reavivou a divisa da Revanche — Não nos esqueceremos. Falta apenas um Deroulé ou um D'Anzônio. Mas a República recebeu o seu crisma nacional num mandato que cimentaria a unidade. Ou seja exactamente o que lhe faltava... Em vez da Cruz branca dos Sabões — crax de cruzes, dizia Pio Nono — um mito de coesão e de combate. O pensamento de Cavour está salvo. Benedetto Croce pode descansar e continuar depois a escrever o novo capítulo do Misoglossamento.

**O GRITO DE SIÃO**

Enquanto se encadeiam umas atrás das outras as decepções no páldio do Luxemburgo, vem alastrando e recrudescendo a agitação na Palestina.

(Continua na pág. 29)

O VELHO PORTO  
Niepoort  
sabe a quem sabe



# GHEGOU O BOM TEMPO

Chegou finalmente o bom tempo e tambem a possibilidade do automobilista dispor de mais gasolina.

Boa jornada, pois! Que sera boa certamente, sem transtornos no funcionamento do carro, desde que ele seja cuidadosamente lubrificado com MOBILOIL.



# Mobiloil

O Óleo da Lubrificação Racional

2090

# CRÓNICA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 27)

Sionista lhe chamam, mas para o caso pouco a designação importa.

Na emocionante e brilhante reportagem que se reúne no volume *Chegada e Judeuerrante*, o seu autor descreve desde os bairros londrinos até a Telaviv, passando pelos quadros cruéis dos ghettos carpiticos, por Varsóvia e pelas ruas de Bucarest, as classes e categorias de judeus. Mas a em todos está presente o lúezro da mesma esperança mística: *No ano próximo em Jerusalém*. Este supranão, que inflama o espírito de Teodoro Hertzl, é todo o destino de uma raça enorme e inquieta. A declaração Balfour desceçou: o véu do templo e mostrou-lhe no regresso à terra palestina a realidade do sonho milenário. As crevrentes emigrantes, conduzidas por chefes e equipas técnicas inteligentes realizam ali, sobre a indústri dos areais, uma obra de civilização e honroso progresso. A questão sionista continuava em aberto mas não perturbava o Mundo.

Eis que a fúria do nazismo desencadeia os progrems de Estado contra os hebreus, começando por os roubar como salteadores, até atentar contra a vida de muitos, e compellido à fuga homens como Einstein e Ludvig, sábios, artistas, técnicos da mais pura genia. Os Estados Unidos e outros povos humanamente governados abriam-nos a hospitalidade, as carreiras dos seus officos, as cátedras e, para muitos, o renome universal.

Mas a guerra sobreveteu. E o que até então fora a perseguição — à qual aliás o mundo assistiu desonradamente apático, quido em certos sectores do fanatismo nazista, a não aplaudiu — passou a ser massacre. O massacre dos judeus na Alemanha e nos países por ela invadidos foi, com requintes de barbaridade que nem teve sequer para com as ceticianhas o amor instintivo das feras máes, o pródromo dos campos de concentração que depois, mais tarde, provocaram as tras da justiça.

No entanto, nessa altura, pequeno foi o clamor, em relação aos protestos posteriores.

Começaram a vaguear no mundo multidões foragidas, sem lar e até sem protecção caritativa, mas, é claro, não havia nem há meios que cheguem a em tais emergências. Os olhos desses milhões de pessoas voltaram-se para a

terra da Palestina. E então o drama es-

ou. Os árabes opuseram-se à migração judaica e a Inglaterra, a pátria de Balfour, entre o árabe da Liga e o judeu do exílio, optou pelo primeiro. Cem mil judeus ainda hoje aguardam permissão da potência mandatária (sic) para entrarem na Palestina. Porquê? Porque a Inglaterra, em nome do escândalo do mundo. O Papa debalde ergeu voz por eles, em nome da creença espiritual da Igreja.

A revolta rebentou contra os ingleses. A comissão anglo-americana de inquérito recomendara que se reabrisse a migração. Não foi escutada. Atlee respondeu no dia 1, perante os Comuns que a Inglaterra como potência mandatária (sic) tem o dever internacional de manter a ordem e a lei na Palestina e reforçou as tropas de Cunnigham contra a acção de associações secretas hebraicas que empregam todas as armas, numa Resistência de guerrilha sem tréguas. A Haganah é hoje um baluarte tenível. Usa uma lingua gem de patriotas contra invasores. Absorveu a própria Agência Hebraica.

Manifestações de protesto percorrem o centro de Londres levando à testa soldados judeus que combateram pela Inglaterra e condecorados por seus feitos. Os judeus norte-americanos preparam com igual fim uma marcha sobre Washington. O presidente Truman no dia 2, declarou que os Estados Unidos estão dispostos a assumir a responsabilidade técnica pelo transporte dos 100 mil emigrantes para a Palestina, e que o governo de Londres não o informara das recentes medidas anti-hebraicas, e acrescentou ser preciso evitar demora, na política de se transferir, com a maior brevidade, 100.000 emigrantes hebraicos para a Palestina.

Sete dias depois, a trombeta bíblica judaica, que só aoa, normalmente, no dia mais sagrado para os judeus, foi ouvida de noite, em todas as sinagogas da Palestina, como sinal da grande aflicção dos judeus. Israelitas de todas as classes enchem as sinagogas de Jerusalém, Haifa e Telaviv, para ouvir a trombeta, que se diz ser a que Josué emnosou para derrubar as muralhas de Jericó...

Porque não cessarão as desumanidades do mundo que se julga liberto delas depois dos horrores de Buchenwald?

# FOI COMEMORADO EM LISBOA O DIA DA FESTA NACIONAL DA FRANÇA

O 14 de Julho, dia da tomada da Bastilha, foi festejado em Lisboa pela colónia francesa.

O sr. Jean du Sault, ministro de França, e sua esposa, deram de manhã recepção aos seus patriotas, que acorreram em grande número ao palácio da legação.

Em nome da colónia falou o sr. Olivier, director da Federação das Associações Francesas de Lisboa, que proferiu um patriótico discurso, a que o sr. Jean du Sault respondeu, fazendo votos pela prosperidade do seu país.

A tarde foram inaugurados melhoramentos no Hospital de São Luis, e à noite, no «foyer» dos Combatentes Belgas e Franceses houve banquete, a que presidiu o sr. ministro da França.



Na Legação de França, o sr. Jean du Sault, em nome do ministro francês da Educação Nacional, procedeu à entrega solene das insignias de doutor «honoris causa», de Universidade de Montpellier, a S.E. o sr. Cordeal Patriarca de Lisboa. Distinção conferida quando das comemorações do 7.º aniversário da Faculdade de Letras dessa Universidade, a impossibilidade de S.E. se deslocar a França fez com que só agora esse diploma lhe fosse entregue. O ministro da França evocou o tempo em que o Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira regiu, em Coimbra, o cátedra de História da Civilização, terminando por afirmar que era inútil e enumerar de todos os méritos que legitimam a entrega dessas insignias, pois são de todos conhecidos.



O sr. ministro de França recebe cumprimentos da colónia do seu país, por motivo da passagem da data histórica de 14 de Julho.



O sr. Jean du Sault folando aos seus compatriotas



Os novos serviços do Hospital Francês de São Luis, em Lisboa, soa inaugurados pelo sr. ministro da França

MICHEL...

O mais suave entre os suaves

Em que outro baton encontrará essa húmida base de creme, característica tão notável do baton Michel?... ou essa delicadeza e a facilidade com que se espalha uniformemente sobre os lábios? Em que outro baton encontra essas excepcionais qualidades de permanência e esses estonteantes tons naturais que convidam ao beijo?... e o seu delicado perfume que deleita os sentidos?



BATON • PO DE ARROZ • ROUGE • COSMETICO • SOMBRAS  
• CAKE MAKE-UP

Ad 46-3

# CHEGOU FINALMENTE



O famoso portátil

## "HIS MASTER'S VOICE"



esgotado desde 1939

EST. VALENTIM DE CARVALHO  
LISBOA PORTO

Rua Nova do Almada, 97

Rua de S.<sup>o</sup> António, 476

[VADECA, L.<sup>DA</sup> — Agentes]

**"POSSO COMER  
DEPRESSA  
QUE NÃO  
ME FAZ  
MAL"**



"Antes de conhecer a Magnésia Bisurada padecia de horríveis incômodos gástricos. Agora, posso comer tudo o que quero e apressadamente; as minhas refeições são sempre bem digeridas." Azia, flatulência, indigestão e outros sintomas dolorosos do estômago, são muitas vezes resultado da hiper-acidez. Um pouco de Magnésia Bisurada neutraliza esse excesso de acidez, ajudando o estômago a desempenhar fielmente a sua missão: digerir bem. Milhares de pessoas, em todo o mundo, puseram o seu estômago em ordem, tomando Magnésia Bisurada. Experimente-a o Senhor também.

**DIGESTÃO ASSEGURADA  
com MAGNESIA BISURADA**

A venda em todas as farmácias, a 15\$00 e 23\$00, pó ou comprimidos.

PRODUTOS DA INDUSTRIA NACIONAL



# Crédit Franco-Portugais

L I S B O A P O R T O

Rua dos Sapateiros, 12-14

Rua da Conceição, 84-98

Rua Augusta, 61-69

Rua Sampaio Bruno, 1-15

CRÉE PAR LE

## CRÉDIT LYONNAIS

Capital 1 milliard de francs

Reserves 1 milliard de francs

OUVERTURES DE COMPTES  
COURANTS

TOUTES OPERATIONS DE  
BANQUE, BOURSE ET CHAN-  
GE AVEC LE PORTUGAL ET  
L'ETRANGER

RECEOSO E  
PREOCUPADO  
PELA IN-  
CERTEZA NO  
DIA DE  
AMANHÃ



SATISFEITO E FELIZ  
PORQUE ENTREGOU TODOS  
OS SEUS SEGUROS À

**ULTRAMARINA**

RUA DA PRATA, 108-LISBOA

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

TORNEIRAS  
TAGO  
FICOLLE



EVITE  
as incomodas e aborrecidas  
utilizando em sua casa  
as Torneiras  
TAGO

**CH. LORILLEUX & C. IE**

PARIS

Casa fundada em 1818

SOCIEDADE EM COMANDITA POR AÇÕES,  
CAPITAL 2.000.000 (REMBOLSADO)

TINTAS PARA IMPRESSÃO — MASSAS PARA  
ROLOS — VERNIZES

23 FÁBRICAS — 17 SUCCURSAIS — 97 DEPÓSITOS E AGÊNCIAS

SUCURSAL DE LISBOA:

3, RUA PAIVA D'ANDRADA, 5

Telefone 21875

Telegramas LORILUX — LISBOA

POR MANUEL MARTINHO

**E**STÁ agora, em moda, os braços nus. E, deste modo, se vai entrando afeite paradosos a mulher moderna quando se veste, despe-se. De facto assim acontece. Os vestidos não servem para cobrir o corpo — mas para realçar a nudez. Teria graça se, nos nossos dias, aparecesse por aí uma dasuhas damas chiques, orgulhosamente elegantes, que, no Passeio Público, de luvas até ao cotovelo, saias compridas, cinturas almofadadas, chapéus enormes de penacho, loques avantajados para acudir o calor e visse, senhores, e visse, nas eplandadas da Avenida (verdadeiro cemitério do sono) as raparigas de hoje, de braços nus, sem meias, beatinhas de rouge, esguelhadinhas à Verónica, tolas e gritantes, a repuxarem, com tosse, o cigarritinho, como viram a qualquer estrangeira de exportação. Decreto que a dama se benzeria — e, de súbito, correria a S. Domingos prometer uma veia grande pelas melhoras do mundo. Todavia tudo isto tem, logicamente, a sua explicação. Nós caminhamos para a hipótese dum progresso, que, célebre, vem enrodilhando os homens, as idéias, os costumes, numa barafunda de «scarroussel», sem se saber, ao certo, onde se irá parar. Carinhoso, eis a razão.

De modo que, «rhodiariamente», a mulher quer, também, mostrar que sabe andar ao lado do homem. Deste modo ela é, acima de tudo, clarão dessa marcha tripartite e sempre rufosa — que se chama a moda.

Não se discute agora, se a moda é ou não um silicere da sociedade. Pelo menos é uma instituição, cujos leis e códigos. Calcule-se, segundo uma recente estatística, que vivem dos pequenos carinhos mundanos, para cima de 20 milhões de indivíduos, em todo o mundo. São as estruturas essa espécie interminável dos perfumistas, os sapateiros, os massagistas, os cabeleiros e os manicurados e os modistas de chapéus. Cada mulher que se veste, à moda, faz viver um mundo comercial, com as licenças em dia — e a família de estômago cheio. Sua Majestade, a Moda, é, portanto, exigente. Não se limita a lançar cinco ou seis modelos durante um ano. Isso, tem sempre novidades para trazer a essas cabecitas de boneca que fulgam sua única missão na vida, reverter a carcaça humana dos mais ridiculos atavismos. Há dois anos as mulheres chiquetas começaram a subir a saia. Foi vista, era uma medida de econômia. Analisada conscientemente, ver-se-ia logo que as sobras da saia não chegavam para fazer as inúmeras pregas com que a mesma era guarnecida. Assitiu-se, então, a um desfile de pernas ao léu, joelhos rolpos, o diabo. Mas, no ano seguinte, a Moda amou. Já não gostava daquilo. E val daí, mandou pelo figurinos, que é alcorço das suas leis, um vestido, apertadinho na cintura, com a saia sobre o corpo a vestir, — se assim.

Ora este, ou a causa mudou de figura. O decreto saiu radical: abalco as mangas. E qualquer pessoa pode ver, pelas ruas de Lisboa — desde a Carnaxide às portas de Benfica, as libeotas, decotadas, despidas quase, com os braços à volta, pela Primeira, as rapariguinhas elegantes mangas as blusas de malha, com as mangas já, também, tentou-as; o ci apertou e a moda, (linda mostrada as ricas «stolteitas», sem mangas — e zãs — está tudo dito.

Os braços começaram a aparecer, numa vistosa parada, que, por vezes, é dumna frange conatoladora. Realmente deve ser, para nós, homens, que temos de suar, engravada encasucada abotoada, uma provocação aquela frescura de banho com que certas senhoras se aproximam.

Parece mesmo que se enganaram — e desceram à rua com os trajes de trazer por casa. Verdade seja que nem todas têm os braços elegantes — mas como vão os braços — elas pretendem mostrar (?) devemos reconhecer que a moda, desta vez, não se desce, de tão tolo, humanamente, do calor. Foi um escândalo, há oitenta anos, quando uma senhora apareceu numa soirée decotada, de espaldas à

mostra, colo nu e braços perfurados, na brançura da nudez.

Houve um cocorão enmudecido. Muitas saíram à escupa, encandendo a cara com os olhos.

Por isso, não se dá a haver xelques, passageiros com água de flor de laranja.

Beidinho, seja o progresso. Hoje acha-se tudo natural, e os que cenamuram aquele arrojado moderno, no fundo, mordem o dedeço, por não podermos andar assim...

## Enigmas

PROBLEMA N.º 10 — DECIFRAÇÃO

Além de vários prormoneiros de ordem geral, viatos por quase todos os nossos prezados colaboradores, quatro pontos principais vale a assinalar:

- a) Se a doente tivesse feito todos os movimentos que se marcam no mapa, como pôde Beatriz Lemos atá-lo, uma vez que só dispunha da mão esquerda?
- b) «Delxet minha mulher a lera — disse marido. Onde estava, porém, o objecto da leitura?»
- c) Se a doente tivesse escrito o bilhete, que era dirigido claramente ao marido, teria assinado simplesmente: Beatriz.

A lista de decifreadores é a seguinte:

- Com 10 pontos: Philo Vance, Maria Luísa, António Elyrio, João Xis, Alguém, Graval e Rocambole (99); Juvenal de Oliveira (60);
- Com 8 pontos: Objectivo Águia (90); Repetidor 8 (89); Artur Araújo (87); Fantasmas (86); Fergelo Belo (84); Mário Marques (79); Pereira Soares (62); Sete de Espadas (47); Farnalho (46);
- Com 8 pontos: Mr. J. G. Reeder (97); Erbeilo, Ordal, Dropé e Mr. Delxet (88); Aperiço, Kotoku (87); Licam, (76); R. P. (73); Adolfo Lima, (65); Inspector Radjar, (46);
- Com 7 pontos: José da Silva, (86); Fanasha, (67);
- Com 5 pontos: Detective Beirão, (15).

### POSTA RESTANTE

Contemplador de Estrelas — Não achas o pseudónimo pouco adequado a assuntos policiaes? Para concorrer ao II Torneio, que em breve se iniciará, basta comprar os assinat a Revista e enviar, dentro dos prazos marcados, as soluções dos problemas que forem apresentados. Se quiser pode também mandar problemas de sua autoria. Saudações e até o espero. Não te esqueças de me escrever. Creia que gostava de o conhecer e conversar um bocadinho. Não enviava um problema seu.

Jorge Belo — Contê-lhe 8 pontos no problema de No. 9. O meu Torneio vou alargá-lo prazo para quinze dias e serei rigoroso na acção da solução. Não se concentre em abusar um bocadinho.

Juvenal de Oliveira — Como verá nosso problema de equifráse, problema foi aprovado. Apenas lhe trudei o título por achar demasiado extenso. Não mandou. Espero que não leve a mal. Há mais!

### REGISTO DE PROBLEMAS

Morreu um homem, por Juvenal de Oliveira — embora simples, é um problema digno de entrar no concurso, pelo que será n.º 11.

O hospede do quarto independente, por Maria Luísa — Outro interessante problema desta natureza, gentilmente colaboradora, o qual fica registado com o n.º 4.

### CONSTITUIÇÃO DE EQUIPAS

Enquanto publicamos as decifrações dos problemas do nosso I Torneio, resolvemos esta equifráse, libertando o II Torneio.

E para já ser conveniente os nossos prezados colaboradores, libertando o II Torneio, resolvemos esta equifráse, libertando o II Torneio.



**PHILIPS**  
1946

**JOSÉ COSTA**  
AGENTE OFICIAL DA  
"PHILIPS"  
11, RUA DE S. PAULO, 13 — LISBOA

**O CINEMA TAMBÉM EM UMA ENCruzILHADA**

por **FERNANDO FRAGOSO**

O cineasta francês não é apenas um espectador do cinema português, mas também um participante ativo. Desde a chegada do cinema português a Paris, em 1914, com o filme "O Homem da Rua", até a sua chegada a Lisboa, em 1920, com o filme "O Homem da Rua", o cinema francês tem sido um dos principais fatores da cultura cinematográfica portuguesa. O cinema francês chegou a Lisboa em 1920, com o filme "O Homem da Rua", dirigido por René Clair. Este filme foi o primeiro filme francês a ser exibido em Lisboa, e marcou o início da presença do cinema francês em Portugal.

Desde que se iniciou aqui o cinema português, o cinema francês tem sido um dos principais fatores da cultura cinematográfica portuguesa. O cinema francês chegou a Lisboa em 1920, com o filme "O Homem da Rua", dirigido por René Clair. Este filme foi o primeiro filme francês a ser exibido em Lisboa, e marcou o início da presença do cinema francês em Portugal.

de conhecimento sobre o grupo de trabalho, embora não se saiba quem escreveu o texto. O grupo de trabalho, formado por vários cineastas e críticos, teve como objetivo promover o cinema português e estabelecer relações com o cinema francês. O cinema francês chegou a Lisboa em 1920, com o filme "O Homem da Rua", dirigido por René Clair. Este filme foi o primeiro filme francês a ser exibido em Lisboa, e marcou o início da presença do cinema francês em Portugal.

**N**o início da guerra, tentou alistar-se. Tanto durante a guerra, como depois, em 1946. Robert Lynen não se desviou da sua carreira cinematográfica. Ele nasceu em 1914, em Luxemburgo, e começou a trabalhar no cinema em 1934. Durante a guerra, ele trabalhou para o Exército Francês, e depois para o Exército Britânico. Após a guerra, ele voltou ao cinema e tornou-se um dos principais cineastas da França. Seu filme "O Homem da Rua" foi um dos mais importantes filmes franceses da década de 1930.

Em 1946, Robert Lynen voltou a trabalhar no cinema. Ele dirigiu o filme "O Homem da Rua", que foi um dos mais importantes filmes franceses da década de 1940. Este filme foi o primeiro filme francês a ser exibido em Lisboa, e marcou o início da presença do cinema francês em Portugal.



**A EMOCIONANTE HISTÓRIA DE ROBERT LYNEN QUE MORREU PELA FRANÇA**

O filme narra a história de um jovem francês que se alistou no Exército Francês durante a Segunda Guerra Mundial. Ele participou de várias batalhas e foi ferido várias vezes. Após a guerra, ele voltou ao cinema e tornou-se um dos principais cineastas da França. Seu filme "O Homem da Rua" foi um dos mais importantes filmes franceses da década de 1930.



No cenário de Kalsbach no filme "O Homem da Rua", de Robert Lynen.



José Costa, agente oficial da Philips, em uma foto de divulgação enviada ao Colégio Francisco.



Um ator e um ator, em uma cena do filme "O Homem da Rua", de Robert Lynen.

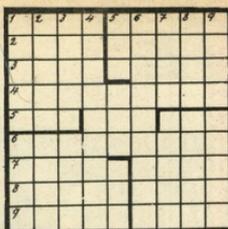


**O CINEMA FRANCÊS DEPOIS DA LIBERTAÇÃO**

Após a libertação da França, o cinema francês experimentou um período de renovação. Muitos cineastas voltaram ao cinema e começaram a produzir novos filmes. O cinema francês tornou-se um dos principais fatores da cultura cinematográfica portuguesa.

**APRENDA RÁDIO**  
 POR CORRESPONDÊNCIA, PEÇA FOLHETOS GRÁTIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO  
 A. DR. MANUEL LABANJEIRA, 12 - PORTO



**PALAVRAS  
 CRUZADAS**

**ENUNCIADO**

**HORIZONTAIS:** 1 — Dar ensejo a; respirar com dificuldade. 2 — Desenvolvimento de calor e de luz; dá a cor de ouro a. 3 — Substância venenosa com que os habitantes das ilhas de Sonda erram as suas frechas; tapacaria antiga; para ornar paredes de galerias. 4 — Diz-se das folhas que têm sobre o dorso os órgãos da frutificação. 5 — Início de uma nova ordem de coisas; duração sem fim; consolação austral. 6 — Escaldar muito. 7 — Fazer que (alguém) tenha amuo; tenha coragem para. 8 — Mudo para pior estudo; aquela que gagueja. 9 — Cometer erro em; relativo à boca.

**VERTICAIS:** 1 — Massa de neve, que tola do monte, derrubando quanto encontra; tabaco em pó, para se cheirar. 2 — Conjecturar; título dos descendentes de Mafoia. 3 — Desejara; estado de quem sua. 4 — Fizer a resecção de. 5 — Série; planta labiada; grande porrete (termo popular). 6 — Aquele que é perto em morfologia. 7 — Iguaria feita de legumes, formando uma massa pastosa; dividir águas de regadio. 8 — Navegar; rompe com violência. 9 — Rasteiro; lugar onde há muita areia.

Dicionários adoptados para a composição deste problema: Cândido de Figueiredo e Francisco Torrinha.

**PROBLEMA N.º 69**

**Solução**

**HORIZONTAIS:** 1 — Canja; lugar. Area; Aorta. 2 — Som; eis. 4 — Alois; asilo. 5 — Mã; evoco; eu. 6 — Ira. 7 — Um; stomo; aa. 8 — Fúria; seido. 9 — Aro; rim. 10 — Natal; fetia. 11 — Alar; assar.

**VERTICAIS:** 1 — Casam; ufana. 2 — Arois; mural. 3 — Nemo; rola. 4 — Jé; te; al; ar. 5 — Ar; evita. 6 — Oro. 7 — Lá; acama; ía. 8 — Ao; só; oc; aa. 9 — Grel; iris. 10 — Atir; adita. 11 — Rasou; somar.

Toda a correspondência relativa a esta secção, deve ser dirigida a Augusto Teixeira Marques, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 1063, Lisboa.

**É UM PRAZER BARBEAR-SE**



O creme dos grandes desportistas



Sendo o creme de barbear de maior categoria internacional é o mais económico, pois cada tubo é suficiente para 80/90 barbas. Todos os grandes desportistas do Mundo preferem o creme «LEA», que evita as espinhas e apressa da pele, deixando-a muito macia.



COM ALEA É UM PRAZER BARBEAR-SE COM ALEA É UM PRAZER BARBEAR-SE

**O QUE DIZEM ESTES PÉS?**



Depressa! Para aliviar queimaduras e inchaços, para fazer desaparecer as dores, mergulhe os pés num banho com Saltratos Rodel. Nesta água leitosa e rica em oxigênio nascente, o alívio não se faz esperar. Um banho com Saltratos Rodel acalma a dor dos calos e facilita a sua extração. Para tornar seus pés como que «novos» experimente Saltratos Rodel hoje mesmo. Em todas as farmácias e drograrias.



**ROSICLER Meias**

R. DA ASSUNÇÃO 7 LISBOA  
 LOJA ESPANOLA

**Carrinhos para Bebê Brinquedos**



Com estes carrinhos só Fabrica da occidntal mgica

A pronta e com facilidades de pagamento

**J. COSTA & SILVA, L. DA**  
 R. Arco do Bandeira, 79, 1.º  
 LISBOA — Telef. 2 6712  
 (Atendem-se pedidos da provincia)

**PARA O PEQUENO ALMOÇO**



**A TORRADEIRA ELECTRICA**

*é o ideal*

# O RENASCIMENTO DA PRENSA FRANCESA

(Continuação da página 10)

assembleia dos autores, é raro que o bibliófilo digno do nome não se lance no elogio técnico. Então, ouve-se uma ladainha de encenações estilizadas de belas páginas de letras bem desenhadas, adições no papel, letras de Montipougé, tiragens restritas, imprensa a bruto e Daigra, oficina de Lignont, pedras de Derain, gravuras de Christian Bernard. Nunca mais acariariamos se tivéssemos que enumerar as mil e uma satisfações do amor diante das belezas da matéria.

A parca é de nós mesmos, e não há afairado do Paris que não escoda closamente no canto mais resguardado, pelo menos um exemplar raro, pelo menos uma edição original e cuidada de qualquer obra de valor. Com o tempo, a parca, pela obra de Lardoux, elegeu uma tiragem quase desconhecida da *Jeune Parque*, um Mallarmé, e algumas gravuras de rei na cave romântica... — murmura ao ouvido do livro que não tardou a desenterrar. Compreendemos por isso que as precauções, se não pelo vosso olho, que são o amigo dos seus leitores. O que é de deveras notável, é o furo dos amadores. Quer se abuse ou não da riqueza de luxo e de esplendor que a *Revue Pédagogique* se lude. Do escafoço dos calos do Sena às bibliotecas principescas, nenhum comprador escolhe mais as obras lindas nunca aparecem nas prateleiras privadas que uma coleção de livros, e assim se vai acumulando, e os próprios meios as peças que não têm qualquer direito a um lugar entre ela e, neste ponto, o artilheiro tem o mesmo gosto, o mesmo golpe de vista que o mais esclarecido dos conhecedores. Compreendemos por isso que tudo, nesta vida do pensamento e do requinte, para um artista como Mallarmé, se resume ao Livro! Os gritos de entusiasmo do abade Coignard varreu a biblioteca de Astanac, na *Rôtisserie de la Reine Pédagogue*, aparem-se com as reflexões que Albert Thibaudet fez, certo dia, diante de estudantes estrangeiros: «So a contemplação dos Littre, de la Cange, de Lottin, de Maistre, de Biran, de Béranger, de Marmontel, da coleção Guillaume Rudé, de Panckecke, e das obras sobre a pintura que, em si, são quadros autênticos, só esta contemplação, basta para nos encher de confiança, e acontece que nada mais desejamos...»

# CARICATURISTAS FRANCÊS DE JOE

(Continuação da página 24)

mucho acima, do seu antecessor, diz: «As primeiras dificuldades já começaram!», mas é acima de tudo, o inventor de pornermos minúsculos e de uma ornamentação nova. Não há um desenho de Eiffel, mesmo político, que deixe de comportar uma tela de aranha, um malnetuque, um pouco de uma vespa. Estes pornermos infinitamente pequenos prolongam o encanto da imagem e criam um estado de espírito decididamente novo. Na obra de Peynet e na de Franca, a poesia oculta lugar ainda maior; um rapaz derrece o coração a uma rapariga, num resplendor. A rapariga aceita, põe o coração num prato e diz ao criado: «Faz-me o favor de o passar pelas brasas?». Mil assuntos e possibilidades em que não sequer aproveitamos pensar, aparecem, hoje, no papel, grandes fardos de amor, nuvens e anjos, pássaros, legumes, moluscos, fantasmas, personagens suspensos no ar, ideias geratic; a estação que passa, a saudade, a preocupação. E na realidade, é esta mistura de abstrato e de concreto que dá a nota actual, que define o ponto a que chegou a anedota desenhada em Paris. Isto, de resto, é o que dá o sabor à história sem palavras. Franca, isto de resto, é o que dá o sabor à história sem palavras. Franca, isto de resto, é o que dá o sabor à história sem palavras. Franca, isto de resto, é o que dá o sabor à história sem palavras.

O que mantém contacto mais íntimo com o que se chama a realidade nos olhos, é Dubout, o Rabelais da nova geração, o espelha-luz das multidões, ajuntamentos e bichas, sempre com os olhos fixos na actualidade mais palpante. Mil cambiantes diferenciam e caracterizam os humoristas franceses de hoje, mas a poesia é o fio que, no entanto, os liga entre eles. Enfim, o ponto em que se assemelham e se aparem com os antepassados é no campo da mesma liberdade de expressão da dedicação a uma Pátria, forte, estimada e digna. Com muito raras excepções, onde o talento, pela graça do Senhor, nunca se tinha aventurado, de resto, o lápis francês ao serviço do interesse nacional. Hoje em dia, os melhores caricaturistas estão do bom lado da barricada e continua a haver tanta lucidez na sua attitude como groticose nos seus desenhos.

# RODOS E FIOS DA PRENSA

(Continuação da página 21)

**Duvs-se o programa parisiense na seguinte cadeia de emissoras:**

Paris-Romainville.....	10 Kw.	386m60	—	776 Kca.
Par.....	20 »	309m90	—	968 »
Limoges-Nioul II (até as 19,15).....	20 »	269m50	—	1.113 »
Lyon-Dardilly.....	25 »	224m	—	1.339 »
Nantes-Montbert.....	10 »	219m	—	1.366 »
Chateaux-Carrières.....	40 »			
Grenoble.....	15 »			
Montpellier.....	10 »	215m40	—	1.393 »
Nice-Antibes.....	25 »			
Rouen-Louvot.....	5 »			

# ONDAS CURTAS Para Portugal e Brazil

0,00 Noticiário em Português	463m	( 648 Kca.)	—	31m38 ( 9.560 Kca.)
0,30 Noticiário em Português	31m51	( 9.520 Kca.)	—	31m19 ( 9.620 Kca.)
	25m32	(11.845 Kca.)	—	25m24 (11.885 Kca.)
1,15 Noticiário em Francês	31m51	( 9.520 Kca.)	—	31m19 ( 9.620 Kca.)
	25m32	(11.845 »)	—	25m24 (11.885 »)

# GEORGE DUBOUT E JOSÉ DE ROSAS

A sua linguagem é muito poética, como a de todos os romanses que se prezam, mas evita as grandes frases empolgadas. A sua accção é persistente, mas modesta; a energia constante e resoluta, mas destoa os gestos teatrais. Há pouco meses com a primeira mulher francesa que entrou para a carreira diplomática, faz uma obra muito simples e muito pacata. Este trabalhador incansável não se entrega a outras distrações além das suas próprias e a colecção de selos. Aprecia o champagne e as coisas de muito gosto ao nível termo. Este bourbons — nau em

# AS ENCADRAÇADORAS DE LITOGRAFIA EM FRANÇA

(Continuação da página 23)

as principais tipografias e as mais importantes salas de redacção. Mas há mais que antes da guerra. Foi preciso, por isso, apertarmos — como se apertam os estímulos — nas 'ardes dos gulosques. O Paris-Sor, nos outros tempos, ocupava a totalidade do grande prédio da sua do Louvre. Hoje, a *Libération*, no quarto andar, *Front National* no quinto, *Le Soir* no sexto e no sétimo. Pouca foi a oficina de composição, partilharam-se os tipos. Cada um deles escolheu um aspecto tipográfico de maior interesse e utilizou uma família de caracteres. Arranjam-se as colunas de maneira a não pisar o campo do velho e a conservar ao jornal o seu aspecto pessoal.

No prédio do antigo *Instrument*, na rua de Valenciennes, o antigo *Franc-Tireur*, *Frane-Tireur* e *Combat*, sem falar, bem entendido, dos semanários e revistas. Não foi possível empurrar as paredes e o espaço disponível, mas conseguiu-se, à força de tabiques, instalar cada qual no seu viveiço, como as abelhas num cortiço. Uma febre de trabalho, cortada por caminhar de um lado para o outro, pelo creptar das máquinas de escrever, por idas e vindas, enche as salas comuns.

O edifício rococo do velho *Journal*, na rua de Richelieu, dá simultaneamente ao *Paris-Press*, ao *L'Abc*, ao *Nation*, o do antigo *Petit-Parisien*, na rua de Englihen, ao *Humanité*, ao *Soir*, ao *Parisien-Libéré*; e o edifica, Casa Vermehe do ex-Matin, na avenida Polissierne, reúne sob o seu teto o *Quotidien* e a *Cor* da fachada completamente atraía, *Libé-Sor* e três ou quatro periódicos.

Estes edifícios, pela sua vez, parecem desdenhar todas as dificuldades. Apenas dois ou três começaram a carrear no tempo da resistência. Na destina, como *Les Lettres Françaises* ou o *Téméraire* *Christien*.

Só os semanários são agora mais de cento e cinquenta, editados em Paris, mais de trezentos e cinquenta com o do provincial.

A diversidade dos seus aspectos: letras, artes, ciências, desportos, diplomacia, política, modas, até pesca, linha, só em parte justifica tão extraordinária proliferação.

Neste campo, pelo contrário, a modicidade relativa das suas necessidades encoraja o confusionalismo das tendências que para elles reclamam; é sempre menos caro comentar de que informar exactamente, e há sempre a certeza do exactamento favorável dos próprios amigos.

Portanto, alguns parecem julgar também que só a grande informação, a revista de documentação mundial, lhes garante lucros e vida prolongada.

Assim, a venda de *Samedi-Sor*, primeiro, de *Le Paris*, *Paysage*, depois, acabou por exceder a das publicações mais intimamente presas a uma fórmula politico-literária, à cabeça da qual encontramos, num magnifico período, os saluados das principais ideologias: a gaullista *Bataille*, o democrata cristão *Carrefour*, os marxistas *Lettres Françaises* e *Acção*. Para citar apenas as mais importantes.

É lícito perguntar como todos eles, principalmente os quotidianos, resistem ao seu problema quando, mais dia menos dia, tiverem licença para imprimir quantas máquinas quiserem.

Já agora, as máquinas e os tipos fogem à justa para as necessidades. As primeiras começam a dar sinais de cansaço, e os seguintes vêm-se frequentemente obrigados a dobrarem e a triplicarem os seus serviços. Vendo a situação de uma tipografia há horas que aguardam a publicação dos jornais, ao dar da meia-noite e do meio-dia, pensamos irresistivelmente no torrente impetuoso da primavera num densa mata, quando a seiva faz rebentar toda a natureza. Todas as plantas tendem para o sol. As mais robustas resistem ao impeto. As outras são esmagadas pela sombra dos vencedores. A nova imprensa parisiense tem idêntica eclosão vivaz. Alguns rebentos vigorosos já começam a desabrochar. Amanhã, o viveiro só terá árvores frondosas.

Moulines — resume bem na sua pessoa os traços essenciais do francês. É um homem da sua terra. Instintivamente, interiormente, apaixonadamente, é francês de terra.

**MEDICINA**

**DATA**

**TRATA**

*gengivas dançadas*

*ou sangrentas*

**EVITA**

*estomatites mercuriais*

*ou bismuticas*

**MATA**

*os microbios da boca,*

*que dão causa a tantas*

*doenças graves*

- Medicinal pequena — tubo 1800.
- Medicinal grande — tubo 1750.
- Vulgar pequena — tubo 4500
- Vulgar grande — tubo 7800

**IKO**

**MATA**

PERCEVEJOS

BARATAS

PULGAS

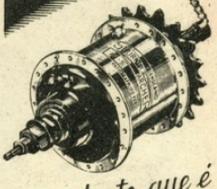
T R A Ç A

À VENDA EM TODA A PARTE

- Caixa pequena..... 8000
- Caixa grande..... 8500

Dep.: C. L. 4.ª — Porto

L. S. Damilgas, 188



*É evidente que é o melhor porque é*

**LIMPO, LUBRIFICADO, COMPLETAMENTE RESGUARDADO E DE FABRICO INGLÊS**

**STURMEY-ARCHER**

**CARRETO PARA BICICLETAS**

STURMEY-ARCHER GEARS LTD.  
NOTTINGHAM, ENGLAND

EM LA COITURE ERGUE-SE O MONUMENTO  
AOS MORTOS PORTUGUESES DA PRIMEIRA  
GRANDE GUERRA. O SOLDADITO RUDE QUE  
LUTA COM A MORTE MARCA A PRESENÇA E  
O ESFORÇO DOS SOLDADOS DE PORTUGAL  
QUE ERGUERAM ALTO, EM FRANÇA, A  
BANDEIRA DA SUA PATRIA



DIRECTOR: JOSE CÂNDIDO GODINHO \* EDITOR: PEDROSA MARTIN  
PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

\* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2.º \* LISBOA \* TEL. 2 5844 \*  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), L.º \* T. DA CONDESSA DO RIO, 27